



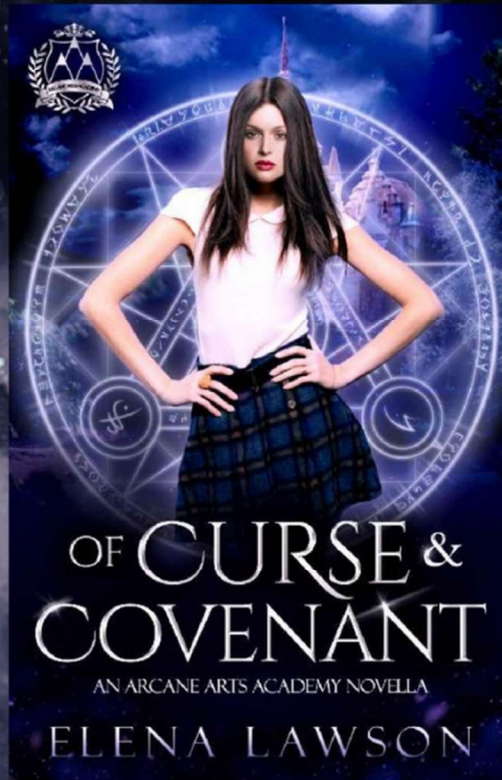
OF CURSE & COVENANT

AN ARCANES ARTS ACADEMY NOVELLA

ELENA LAWSON



Lançamento



Próximos





Avisos

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Havoc Keepers, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer intuito de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Temos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Havoc Keepers, sem aviso prévio e quando julgar necessário suspenderá o acesso aos livros e retirará o link de disponibilização dos mesmos. Todo aquele que tiver acesso a presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de divulgá-lo nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Havoc Keepers de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Staff

Tradução: *Lis Havoc*

Pré Edição: *Lis Havoc*

Revisão Inicial: *Pinky Havoc*

Revisão Final: *Pinky Havoc*

Leitura Final: *Merit Havoc*

Formatação: *Lilith Havoc*





Sinopse

Você já amou tanto alguém que faria qualquer coisa por essa pessoa? Realmente qualquer coisa? Eu já.

Eu esperei e planejei. Aproximei seus inimigos e escutei seus sussurros sombrios. Eu aprendi. Eu guardei meus sentimentos, tranquei-os em algum lugar bem no fundo.

Essas são coisas em que sempre fui boa. São coisas que eu poderia fazer.

Já está quase na hora...

Vou terminar o que ele começou mesmo que a luta tire minha vida. Devo isso a ele e muito *mais*.

Meu nome é Diana Granger, e é hora de pagar minha dívida.

*NOTA DO AUTOR: Esta é uma novela prequel da Arcane Arts Academy contada do ponto de vista de Diana Granger. Esses eventos *principalmente* acontecem antes do nascimento de Harper Hawkins. Foi publicado pela primeira vez como parte de uma coleção maior de romances e novelas da Academia intitulada 'Paranormal Academy', mas agora está disponível para ser lido por conta própria como parte da série Arcane Arts Academy.*



1

Janeiro de 1872

Meu sangue estava zumbindo com poder latente enquanto eu acelerava do meu dormitório pelos corredores dourados, minhas pontuações do Exame de Compreensão Alquímica em meu punho direito. Meu sorriso infalível. Eu não podia esperar para mostrar a ele.

Cheguei ao pé da escada e girei na esquina, quase batendo em dois outros alunos enquanto andava.

“Desculpe.” Eu disse por cima do meu ombro, uma bolha de riso surgindo em meus lábios. O cheiro do café da manhã flutuava pelo corredor, liderando o caminho.

Ele ficaria tão orgulhoso de mim quando visse.

O arco surgiu à frente, e eu já podia vê-lo. Alistair Hawkins estava perto dos vitrais do outro lado do refeitório. O sol de verão estava forte esta manhã e lançava tons brilhantes de vermelho, azul e laranja em seu blazer do uniforme, tingindo sua pele de bronze. Seus profundos olhos castanhos acenderam enquanto jogava a cabeça para trás em uma risada profunda.

Meus ombros se encolheram ao ver a multidão. Eu deveria estar acostumada com isso agora, mas eu não acho que eu estaria. As pessoas gravitavam em torno dele como se fossem flora e fauna e ele fosse o sol, sustentando-os, nutrindo-os.



Ele era o que o meu pai chamaria de *líder nato*, ele sempre olhava para Alistair como se ele fosse uma ferramenta para usar ou uma arma para empunhar. Ele frequentemente nos comparava e não fazia segredo de sua constante decepção comigo. Nunca perdia a chance de me dizer como ele desejava que eu fosse um filho em vez de uma filha para que eu pudesse seguir seus passos e trabalhar no Departamento de Investigação Arcana.

Mas aquela vida não era para mim.

Alistair me viu do outro lado do refeitório e deve ter visto o rubor em minhas bochechas, ou talvez o sorriso em meus lábios vermelhos ou o estado do meu cabelo, porque ele interrompeu sua conversa com o grupo ao seu redor e sorriu para mim.

Seu olhar viajou do pergaminho amassado na minha mão e voltou para encontrar meus olhos. Ele assentiu, orgulho evidente no movimento, e foi o calor irradiando daquele único olhar que me deu forças para cruzar o refeitório até ele.

Alistair jogou seus braços em volta de mim e eu fiz um som assustado *antes* de rir gentilmente em seu blazer e derreter contra ele. Ele me puxou de volta para olhar para ele, cedo demais.

“Você conseguiu?” Ele perguntou, embora fosse mais uma afirmação do que uma pergunta.

Amaldiçoei a queimação no fundo da minha garganta. Assentiu. “Eu consegui.”

Ele pegou o pergaminho de mim e eu vi seus olhos se arregalarem com o número que ele encontrou lá.





Noventa e seis. A pontuação mais alta de todos os tempos para um ACE¹ do quinto ano. Eu venci o recorde anterior por 2%! Eu mesmo mal podia acreditar.

“Eu não posso acreditar...” Ele começou, mas se interrompeu. “Todo mundo!” Ele gritou e meu sangue gelou instantaneamente. *Ah não.* Ele puxou uma cadeira e se moveu para ficar em cima dela.

“Alistair, não.” Eu lamentei. “Pare!”

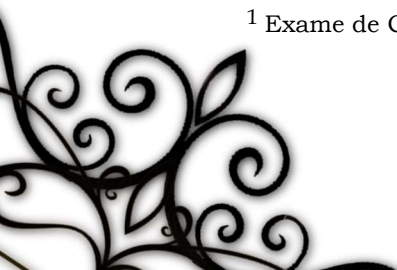
Ele facilmente se desembaraçou das minhas mãos e se virou para me dar um sorriso sorrateiro. “Você merece isso.” Disse ele. “Você *merece* ser reconhecida.”

Eu o soltei, perdendo um suspiro exasperado.

“Todo mundo me escuta!” Ele chamou e as conversas de alunos no refeitório silenciaram quase imediatamente, voltando sua atenção para ele. “Diana acabou de *quebrar* o recorde de todos os tempos para a nota mais alta de todos os tempos em seu ACE do quinto ano!”

A maneira como ele disse isso, com sua voz ficando mais alta e mais animada perto do final, não deixou oportunidade para quem assistia negar um aplauso. Eles aplaudiram, e eu fiz o meu melhor para não me acovardar. Graças a Deus a atenção deles estava principalmente em Alistair. Embora depois de uma rápida olhada descobri que alguns estavam olhando para mim também.

¹ Exame de Compreensão Alquímica





E não com emoção em seus rostos, não. Com algo que parecia mais suspeita em alguns e ciúmes em outros. Engoli em seco e coloquei minha cabeça de volta para baixo, rangendo meus dentes contra a abertura de um buraco no fundo do meu estômago.

“Uma celebração!” Alistair proclamou. “Hoje à noite, no Sigilante, bebam por minha conta!”

O refeitório explodiu com isso, e os alunos até se levantaram para aplaudir, gritando sua aprovação e entusiasmo.

“Você é louco.” Eu disse a ele quando ele desceu para um punhado de aplausos contínuos.

Ele deu de ombros, distante como sempre. “Não é por isso que você gosta tanto de mim?”

“Bebidas por sua conta?” Eu exigi. Todo mundo sabia que Alistair era rico, depois que seus pais e irmã menor morreram em um incêndio seis anos atrás, ele herdou tudo. Incluindo Rosewood Abbey, a casa de sua família, uma enorme mansão no interior da Irlanda e uma massa de riqueza que parecia nunca diminuir.

Além de seu mordomo, a única outra criatura que residia ali era seu familiar, um carcaju que ele nunca deu um nome. O animal não era permitido nas dependências da escola. Eu suponho que eu poderia entender isso. Mesmo os familiares podem ser selvagens às vezes. Não poderia ter um wolverine rondando o campus à noite. Alguém poderia se machucar.





Ele franziu os lábios, batendo seu ombro contra o meu. “Um uso sábio da minha herança, eu acho.” Ele brincou

Eu balancei minha cabeça.

O diretor, que deve ter ouvido a comoção, entrou no refeitório para ficar estoicamente na entrada, com as mãos entrelaçadas firmemente atrás das costas. Um olhar sem sentido penetrando qualquer um que ousasse olhar em sua direção. O salão ficou em silêncio até que apenas o som baixo de uma conversa silenciosa se ergueu no espaço. Satisfeito, ele saiu e eu comecei a respirar novamente.

“Ei.” Alistair disse, suas sobrancelhas se estreitando enquanto ele inclinava meu queixo para cima para olhá-lo no rosto. “Se você realmente não quer isso, me diga agora e eu vou cancelar.”

Eu mordi meu lábio inferior, não querendo decepcioná-lo. *Nunca* querendo decepcioná-lo. “Não. Eu vou. Eu quero isso.” Eu me apressei para dizer. “Obrigada.”

“Não, agradeça, Granger. Para que servem os amigos, hmm?”

“Certo.” Eu respondi antes que Cedric e o Professor Sterling roubassem sua atenção com o que parecia ser uma poção de envelhecimento bastante pobre. Sem dúvida, os alunos do segundo ano tentariam usá-la para entrar em Sigilante esta noite. Pena que as paredes do lugar estavam todas amarradas com pedra de liga. A poção fracassaria e mostraria suas verdadeiras formas em minutos, se não mais rápido.





Sterling deu um tapinha nas costas de Alistair e sugeriu que ele mostrasse a Cedric como preparar a poção corretamente.

“Claro.” Alistair respondeu com um sorriso. Sterling era seu professor favorito, e ele e o professor de estudos de línguas antigas costumavam trabalhar juntos em projetos extracurriculares depois das aulas. Embora eu não pudesse ver por que Alistair gostava tanto dele. Eu o achava arrogante e um tanto idiota comparado a alguns dos outros professores.

Amigos, ele disse. *Para que servem os **amigos**...* Minha mente volta para a palavra. Eu *odiava* essa palavra. Mudei-me para ocupar meu lugar na fila de servir, supondo que eu deveria comer alguma coisa se minha noite iria ser cheia de bebida.

Talvez eu devesse finalmente dizer a ele como me sinto, pensei. Eu era amiga de Alistair Hawkins desde que eu era uma estudante do primeiro ano na Arcane Arts Academy. Eu tinha apenas dezesseis anos na época, e ele dezessete. Eu estava sendo judiada pelo trote, como todos os alunos eram em seu primeiro ano. Os meninos mais velhos tinham levado um pouco longe demais quando Alistair os encontrou e à mim, encolhendo-me para longe do brilho de seus sigilos enquanto eles tentavam se lembrar do encantamento para me fazer adormecer.

Eu ainda estremeço ao pensar no que eles poderiam ter feito comigo se tivessem conseguido. Mas Alistair se certificou de que não. Ele disse a eles para se ocuparem com outra coisa e eles o fizeram, mesmo assim, ele tinha essa *autoridade* sobre ele. Ele me





colocou sob sua asa desde o primeiro dia e nunca me deixou ir.

Foi a ele que eu tive que agradecer por quase cinco anos por não ter que me preocupar em me encaixar ou fazer amigos ou estar segura. Ele era tudo que eu precisava. Eu me apaixonei por ele tão forte e tão rápido que me chocou, mas em retrospectiva, não foi nada chocante porque quem não amava Alistair?

O truque era fazer com que ele te amasse de volta. Em cinco anos, ele teve apenas *uma* namorada, e isso durou apenas um mês. Alguns dos outros alunos pensaram que talvez ele preferisse companhia masculina, mas eu sabia que não. Eu o conhecia melhor do que todos.

Um dia ele veria em mim o que eu via nele, eu sabia. Só tinha que esperar um pouco mais.

Ele vai embora em breve, uma voz no fundo da minha mente sussurrou, e eu peguei uma porção extra de comida no meu prato. Era seu último ano na academia e as aulas terminariam em pouco mais de um mês. Não importa quantas vezes ele me dissesse que não iria, o que eu mais temia era que depois que não houvesse este lugar nos mantendo juntos, nós desmoronaríamos.

Que ele se esqueceria de mim.

Eu não ia deixar isso acontecer.



2

Rufus saltou atrás de mim para a sala do portal. Os corredores estavam vazios, e eu agradeci meu pensamento inteligente em fazer a aula extra de sigilos no ano passado que me deu esse último período livre este ano. Onde todo mundo tinha que esperar na fila no final do dia, eu podia sair a qualquer hora depois do terceiro.

“Venha, Rufus.” Eu apressei meu familiar, um furão de sal e pimenta com quem eu tive um vínculo aos quatorze anos. Cada bruxa se ligava a um familiar depois de entrar em seus poderes. Era a maneira do universo nos dar uma mãozinha, foi o que mamãe disse, de qualquer forma. Embora ela tenha ficado menos do que impressionada quando eu me relacionei com Rufus.

Tanto minha mãe quanto meu pai se uniram a feras formidáveis. Meu pai um leão da montanha e minha mãe uma cobra-real, o que era bastante apropriado se você me perguntasse. Mas Rufus era inteligente. E ele era astuto. Eu não o trocaria nem pela maior das feras.

Fechei a porta atrás de mim quando entrei na sala do portal, um pequeno espaço de dez por dez com nada dentro dele além de um tapete almofadado e algumas esferas de luz.



Sem perder tempo, desenhei o sigilo para abrir um portal, empurrando minha localização pretendida para a magia pelo pensamento. A *casa*, pensei, e depois desenhei uma forma retangular alta na parede com o dedo. A magia arcana pulsou antes que a parede dentro do retângulo se desintegrasse para revelar o interior da porta dos fundos da casa dos Granger.

Sugando uma respiração entre os dentes, entrei, e o portal se fechou atrás de mim. “Mãe?” Chamei. “Pai?”

Nenhuma resposta veio. Tirei meus sapatos escolares pretos e tirei o suéter da Arcane Arts Academy cor de vinho, jogando-o em um gancho vazio antes de entrar na cozinha. A horrível tinta amarela era quase cegante durante as horas mais próximas do pôr do sol, e eu fiz uma careta com a falta de minha mãe de qualquer coisa que lembrasse bom gosto em design.

“Mãe?” Chamei de novo, puxando o pergaminho com a pontuação do meu teste, alisando as pequenas rugas na página, não querendo dar a ela um motivo para me castigar. *Mais um ano*, eu me lembrei. Apenas mais um ano de escola, de viver nesta casa, e então eu estaria com vinte e um anos. Uma graduada da Arcane Arts Academy. Livre.

Não fiquei surpresa ao descobrir que nenhum deles estava em casa. Às vezes eles saíam por dias a fio para trabalhar e raramente ficavam em casa nos fins de semana, preferindo a paz, a solidão e o ‘*livres da Diana*’ na casinha de pedra que compraram em Newport no ano passado.

Já que era sexta-feira, eu tinha que assumir que não os veria novamente até domingo à noite, no





mínimo. Joguei as pontuações ACE no balcão ao lado da chaleira e me perguntei quanto tempo levaria para eles perceberem, ou se eles se importariam. Então peguei a garrafa do carrinho do outro lado do balcão e me servi uma quantidade saudável de bourbon.

Sem tempo para amuar. Eu tinha uma festa para chegar.

Antes que eu pudesse tomar mais do que alguns goles da bebida pelos meus lábios, ou mesmo chegar ao meu quarto, uma batida veio na porta dos fundos. Havia apenas uma pessoa que nunca vinha para a frente. Engoli o resto do bourbon em um longo gole e lambi os lábios.

“Nico.” Eu disse em saudação.

“Ei.” Disse ele, correndo e fechando a porta atrás dele. “Seus pais estão em casa?”

Eu balancei minha cabeça.

“Quer companhia?”

“Claro.” Eu disse a ele, e me virei pela cozinha e subi as escadas para o meu quarto, sem me preocupar em verificar se ele me seguiria. “Eu tenho que me preparar para sair daqui a pouco, mas você pode ficar até eu sair, se quiser.”

Ele correu para me acompanhar, subindo as escadas de dois em dois degraus. “Onde você está indo?”

“Sair.” Eu respondi simplesmente. “Alistair me convidou para ir ao Sigilante com ele esta noite.”





Não era toda a verdade, mas também não era mentira. Nico não precisava saber que não era *apenas* Alistair e eu que estaríamos lá.

“Oh.” Nico respondeu, entrando no meu quarto atrás de mim. Eu poderia dizer que ele queria um convite, mas estava com medo de pedir. Ele era meu amigo e vizinho há quase um ano. Nico se mudou para o loft acima da casa de barcos do meu pai, perto do lago, como pagamento de uma dívida que meu pai tinha com seu pai.

Nico estava treinando para ser um Oficial Arcano e viajava com meu pai para o Departamento de Investigação Arcana todas as manhãs e voltava com ele todas as noites. As instalações de treinamento para futuros oficiais só podiam ser acessadas por meio de um portal estático e em nenhum outro lugar. Aos vinte e três anos ele estaria entre os oficiais mais jovens a conseguir sua marca.

Um casamento com Nico foi incentivado por minha mãe e meu pai, o que naturalmente me fez perder todo o interesse romântico por ele. Uma pena porque Nico era uma obra de arte. Com olhos cinzentos suaves, músculos grossos e enrolados sob suas roupas, pele morena perfeita e cabelos grossos e profundos de caramelo, ele poderia ter sido um deus. E quando ele montava em sua égua preta familiar, Shadow, ele certamente parecia um.

Mas nós éramos apenas amigos... *Bem, foi apenas uma vez.* Nós concordamos que foi um erro, porém, e isso nunca aconteceu novamente.





Era fácil se relacionar com alguém que odiava estar perto do meu pai quase tanto quanto eu. Nico e eu tínhamos uma amizade fácil, sem as palavras não ditas e as tensões da minha amizade com Alistair.

“Parece divertido.” Acrescentou, limpando a garganta.

“Sim.” Eu disse, tentando soar mais entusiasmada do que estava. Verdade seja dita, eu estava nervosa. Em algum momento entre o café da manhã e o terceiro período eu me convenci que esta noite seria A Noite. Eu diria a Alistair como realmente me sentia e aceitaria o que quer que acontecesse.

Eu poderia lidar com isso se ele me negasse, certo? Nós ainda poderíamos ser amigos, não poderíamos?

“Uma bebida?” Nico perguntou quando comecei a vasculhar meu closet para encontrar algo adequado para vestir. Algo que dizia que eu não era uma donzela que precisava ser salva, que às vezes era o que eu pensava que Alistair via quando olhava para mim, mas sim uma mulher que poderia colocá-lo de joelhos.

“Você lê minha mente.” Eu gritei do meu antro de roupas. “Obrigada!”



Para alguém que normalmente não mexia com coisas triviais como ruge, delineador e bobes, na verdade eu achava que não tinha me saído tão mal. Consegui domar meu cabelo castanho claro em cachos





flexíveis com os rolos da minha mãe. E meus olhos estavam levemente alinhados de tal forma que eu pensei que não parecia muito antinatural. Acrescentei meu ruje padrão, o fato de combinar com o vermelho profundo do meu vestido de noite foi um feliz acidente, e pronto.

Eu parecia comigo mesma, mas uma versão mais bonita. Era incrível o que um pouco de cor e um simples feitiço de beleza podiam fazer.

Tomei o silêncio extasiado de Nico enquanto ele bebia seu bourbon para significar que eu tinha feito certo.

“O que você acha?” Eu perguntei a ele, dando um pequeno giro.

Ele engoliu em seco e piscou como se estivesse surpreso por eu perguntar a ele. “Uh.” Ele gaguejou. “Excelente. Você está ótima, Diana, como sempre. Linda.”

Minhas sobrancelhas se juntaram com o jeito que ele disse a palavra *linda*. Como um sussurro. Como se ele realmente não quisesse dizer isso em voz alta.

“Tudo bem.” Eu respondi, prolongando a palavra com uma risada estranha. “Bem, obrigada.”

Tirando-se de qualquer névoa estranha que o bourbon tinha sobre seus olhos, Nico limpou a garganta e rolou na minha cama, chutando as almofadas decorativas. “O que você vai fazer depois do Sigilante?” Ele perguntou, olhando para o teto.





Coloquei um par de saltos de couro amarrados e cambaleei quando tentei ficar de pé neles.

Fui buscar minha pequena bolsa ao lado da cama, deixando cair meu potinho de ruge dentro. “Não tenho certeza. Provavelmente será tarde, no entanto. Por quê? Você tinha algo em mente?”

Sua mandíbula se contraiu, e pelo jeito que ele se contorceu, eu pensei que ele parecia desconfortável. Nico era doce. Gentil. Mas também estava confiante. Forte. Eu não acho que eu já tinha visto ele tão inquieto.

“O que é?” Eu cutuquei quando ele não respondeu.

“Vai haver uma tempestade forte esta noite.” Disse ele com pressa. “Eu odeio estar na água quando fica ruim assim. Não consigo dormir.”

“É mesmo?” Eu perguntei, sentando ao lado dele na cama, cutucando seu braço nu para que ele olhasse para mim.

Ele se virou, apoiando-se em um cotovelo, parecendo desanimado. “Então, eu estava esperando, já que seus pais não estão em casa, que eu pudesse dormir no seu sofá?” Ele acrescentou um grande e forçado sorriso para causar efeito. Como se dissesse *por favor*.

Eu lati uma risada, me perguntando por que eu estava tão preocupada com o que ele queria dizer. “Claro que você pode.” Eu disse, meu rosto se contorcendo em uma ruga com o pedido. Ele passou a noite muitas vezes, embora eu achasse que já fazia um





tempo. “Apenas fique fora da caixa de gelo. Foi um pouco difícil explicar aos meus pais por que um tijolo inteiro de queijo e meio presunto desapareceram de repente da última vez.”

“Prometo.”

Ele se levantou apressado, levantou a mão, palma para fora, com um sorriso diabólico nos lábios carnudos, como se estivesse fazendo um voto diante da igreja. Meu coração disparou por um instante antes de domá-lo em uma submissão indiferente. Alistair era quem eu amava. *Ele* era quem eu queria. Nico era meu amigo. Às vezes eu precisava me lembrar. Nico não me queria, e eu não o queria. Se isso mudasse, arruinaria a única amizade que eu tinha fora de Alistair, e eu não poderia ter isso.

“Você é um estranho, Nicolas Belmont.”

“Eu sei. Mas você também.”

Revirei os olhos para ele. “Eu deveria ir. Vejo você quando eu voltar?”

Nico me ofereceu um sorriso confuso, engolindo o resto de sua bebida. Ele me saudou com o copo vazio e uma careta bestial enquanto o líquido descia por sua garganta. “Sim.” Ele disse, sua voz apertada. “Estarei aqui.”





3

Sigilante ficava perto do Bairro Francês de Nova Orleans. Ele se mascarava como um antigo prédio dessecante para os mortais. Foi fortemente enfeitiçado. Com proteções e sigilos trabalhados diretamente no tijolo para repelir os mortais de quererem entrar.

Do lado de fora parecia um lugar onde os sonhos iriam morrer, mas era onde eu ia tentar fazer um dos meus se tornar realidade.

Estariamos na adega do estabelecimento. A outra parte do clube era um pequeno salão infestado de fumaça, onde velhas bruxas iam fumar charutos e beber conhaque, ou pelo menos era o que ouvíamos... Já que seu nome precisava estar em uma lista para entrar.

Mas no andar de baixo, no The Cellar, era onde você queria estar, de qualquer maneira. É onde todos iam nos fins de semana, ou pelo menos, aqueles que tinham idade suficiente para entrar.

Eu estava entrando desde os dezessete anos, embora soubesse que era apenas porque eu tinha Alistair ao meu lado. Mas agora, aos vinte anos, e um cliente semi-regular do estabelecimento, quando Alistair se dignou a me arrastar para fora da minha caverna de estudo, eu nem precisava esperar na fila.





Eu joguei uma proteção sobre mim, o sigilo tão natural que eu não precisei desenhá-lo. Ele saltou da minha mão e deixei o manto da invisibilidade cair sobre mim enquanto saía do beco protegido do outro lado da rua.

Sigilante não permitia que bruxas entrassem no prédio. Com toda a pedra de ligação na parede, eu duvidava que você pudesse, mesmo que fosse permitido.

Sob a luz da lua quase cheia, passei pelo exterior em ruínas. A verdadeira forma do edifício revelou-se como se sempre tivesse estado lá; à minha direita havia uma escada em curva que levava a uma varanda vazia e à outra parte proibida de Sigilante, onde se ouvia o tilintar suave das teclas do piano flutuando baixinho para cumprimentar os que ali passavam.

Parecia absolutamente abafado. O porteiro usava fraque e uma expressão que transmitia um tédio absoluto.

Graças a Deus pela porta número dois.

Do outro lado do piso de parquet havia uma porta vermelha com uma maçaneta prateada. A única coisa em uma extensão vazia de parede branca do outro lado da sala. Do outro lado da porta havia uma escada que descia, descia, *descia* até chegar ao portão e a uma festa sempre em fúria. A Adega nunca fechava. Nunca.

Preparando-me para o que eu estava planejando fazer esta noite, eu respirei trêmula e empurrei para fora, deixando minha magia surgir através das solas dos meus pés, me acalmando e me dando força ao mesmo tempo.





Eu poderia fazer isso.

“Ei, Diana!” Eu o ouvi chamar e quase tropecei em meus saltos de três polegadas tentando me virar. “Ainda bem que nós encontramos você.”

Nós?

Encontrei Alistair em um grupo de vários alunos entrando pela porta em ruínas e entrando no saguão do clube. “Oi.” Eu disse, corando instantaneamente e tentando esconder.

Os outros alunos gritaram que o veriam lá dentro e fugiram pela porta vermelha. Todos exceto Alistair e uma garota. Eu não a conhecia, mas a Arcane Arts Academy era uma escola grande, então isso não significava necessariamente que ela não fosse de lá. O que eu *queria* saber, no entanto, era o que diabos ela estava fazendo com a mão firmemente enfiada na de Alistair.

Lutei contra a vontade de exigir imediatamente quem era essa pessoa.

Em vez disso, respirei estabilizando-me e fingi que não estava nem um pouco chateada com a visão. O sorriso que tentei forçar meus lábios a imitar me machucou de várias maneiras.

“Esta é Dolores.” Disse Alistair, e teria sido impossível para mim perder o brilho em seus olhos quando ele disse o nome dela ou o jeito que ele se inclinou para ela com aquele sorriso dele, aquele que eu pensei que era apenas para mim.





“Certo. Ótimo, quero dizer, olá.” Eu tropecei nas palavras, ainda tentando entender tudo. “Eu sou...”

“Diana.” A garota chamada Dolores terminou para mim com um sorriso vitorioso que era tão sério que a fez parecer quase angelical. “Alistair me contou muito sobre você. Sinto que já somos amigas.”

Ah! Okay, certo. *E, claro, ele lhe contou tudo sobre mim, eu queria dizer. Eu sou a melhor amiga dele.*

Melhor jogar junto.

“Estou muito feliz que vocês duas possam se conhecer.” Alistair disse. “Dolores não é... Bem, ela não vai para a academia, e ela me pediu para não contar a ninguém sobre nós por causa de, hum, seu pai. Ele é muito rigoroso.”

“Até agora?” Eu desafiei, me perguntando o que mudou, e por que eu nunca tinha ouvido falar dessa pessoa antes, e há quanto tempo eles estavam juntos, e acima de tudo... Por que ele estava descaradamente mentindo para mim.

Nós nos conhecíamos melhor do que isso. Ele poderia dizer quando eu estava mentindo para ele com a mesma facilidade.

“Até agora.” Dolores repetiu, olhando ansiosamente para ele. Levei um momento para identificar seu sotaque, e quando o fiz, fez sentido. Ela era irlandesa. A casa da família de Alistair, Rosewood Abbey, ficava escondida no interior da Irlanda. No entanto, eu não achava que houvesse mais uma grande presença de bruxas na ilha. No entanto, eu





supunha que não era impossível que alguns ainda permanecessem lá.

“Isso mesmo.” Alistair concordou. “Depois de quase um ano juntos, estamos cansados de esperar.” Ele olhou para ela enquanto mentia para mim, e eu sabia que *ela* estava ouvindo a verdade enquanto ele falava.

Eu balancei a cabeça docemente, olhando entre os dois, tentando não deixar transparecer que meu coração estava quebrando dentro do meu peito.

“Isso é tão bom.” Eu disse com um tom mordaz que eu não pretendia e me virei.

“Dee...” Alistair começou.

Mas eu o interrompi, gritando por cima do meu ombro. “Te vejo lá embaixo.” Não confiando em mim para manter as lágrimas sob controle se eu ousasse voltar para encará-lo.

Abri a porta vermelha e desci as escadas de dois em dois degraus. Depois de um tempo, cheguei ao fim da fila de alunos esperando para entrar.

“Ei!” Uma garota gritou comigo enquanto eu passava por ela e todos os outros na fila. O nome do porteiro era Smith, e ele e Alistair se davam notoriamente. Eu dei a ele uma ligeira inclinação da minha cabeça e ele abriu a corda para me deixar passar para uma enxurrada de gritos descontentes de todos os outros que ainda foram obrigados a esperar.

Eu podia ouvir a música fracamente da escada, mas vários feitiços mantiveram a maior parte do som





contido no lugar real, para não perturbar a clientela polida no andar de cima. Assim que passei pela soleira, a música correu sobre mim como uma onda, e a luz fraca e dançante do fogo e o brilho azul da luz da bruxa me engoliram em sua escuridão pulsante.

O barman eu conhecia também. Bem, não seu nome verdadeiro, mas todos nós o conhecíamos como Psy. Lá dentro, a Adega já estava lotada. E eu tive que me contorcer e passar por grupos de corpos para chegar ao bar. A música, uma mistura de violino, flauta e piano, caindo sobre a multidão, era a favorita dos mortais. E uma que eu gostava também. Embora um bom presságio dos grupos conhecidos pelo nome nesta área fossem de fato bruxas. Inferno, eu até sabia de um grupo de vampiros, e aquele grupo com a pianista que ficou popular no ano passado? Trocadores.

Se os mortais soubessem...

“Psy!” Eu gritei, abrindo caminho entre dois grupos amontoados ao redor do balcão de granito. Ele girou e me deu um sorriso, seus olhos brilhantes brilhando sob a aba de sua cartola sob as luzes em movimento. Ele foi pegar meu regular, um Tom Collins, mas eu balancei minha cabeça e ele franziu as sobrancelhas finas antes de se inclinar para me ouvir melhor.

“Algo mais forte.” Eu gritei em seu ouvido, e depois de olhar para o meu rosto ele acenou com a cabeça em compreensão e usou um sigilo simples para trazer uma garrafa azul brilhante da prateleira de cima.





Ele derramou o líquido levemente brilhante em um copo enorme e colocou na minha frente. “Por conta da casa.” Disse ele com uma piscadela. “Me agradeça depois.” Então ele se foi, movendo-se para o outro lado do bar para atender outra pessoa irremediavelmente sacudida.

“Aí está você!” Ouvi Alistair exclamar atrás de mim, e minhas entranhas murcharam.

Respire.

“Oh!” Eu disse, virando-me para ele, um pouco aliviada por encontrar a preciosa Dolores *não* agarrada ao seu braço. Eu bebi toda a bebida, surpresa quando um tipo de sabor de frutas condimentadas explodiu na minha boca, e então borbulhou por toda a minha garganta, e deixou um calor abrasador em algum lugar no fundo da minha barriga. Eu estremeci. “Onde está a... Qual o nome dela?”

“Dolores.” Alistair corrigiu gentilmente, inclinando a cabeça para mim. “Posso pegar a próxima rodada?”

“Seja meu convidado.” Eu disse e levantei meu copo vazio. “Mas eu quero outra do que quer que tenha sido isso.”

Ele sorriu amplamente para mim, e as rachaduras no meu coração se espalharam.

Esperei enquanto Alistair pegava as bebidas e me cutucava para segui-lo, com as mãos ocupadas. Ele projetou o queixo na direção do nosso lugar. Na parte de trás do The Cellar havia um pequeno grupo de mesas baixas e assentos acolchoados. Lá atrás, a música não era tão alta e você podia ter uma conversa





que era menos gritando e mais apenas falando muito alto. Era onde sempre nos sentávamos. E o fato de pelo menos isso não ter mudado me fez sentir um pouco mais à vontade.

Mas a sensação durou apenas um minuto e cerca de dez metros de pista de dança pegajosa antes que os corpos se separassem e eu visse quem já estava sentada lá.

Eu não tinha certeza por que estava surpresa. Eu não pude deixar de ficar boquiaberta quando avistei Dolores sentada à direita da mesa preta baixa, bem em cima do assento estofado roxo. *Meu* assento. Parecendo tão inocente e excitada, com seus olhos arregalados e boca ainda mais ampla e escancarada. Você pensaria que ela nunca saiu de casa com o jeito que ela estava olhando para tudo como se tudo fosse um grande espetáculo em vez de uma taverna no submundo de um prédio em ruínas.

Hesitei antes de me mover para sentar em frente a ela, ao lado de onde Alistair costumava sentar. Exceto que ele foi e se sentou ao lado dela. Antes que ele pudesse colocar todas as bebidas na mesa, eu tinha a minha em minhas mãos, engolindo avidamente mais do potente licor azul.

Ficamos assim por um tempo. Silenciosamente. Tão diferente de nós. Sempre tínhamos coisas para conversar. Vínhamos aqui para rir da semana de aula e para desabafar. Vínhamos ao The Cellar para beber, conversar e dançar. Mas esta noite, Alistair não conseguia tirar os olhos de Dolores.





Ele a observava observando tudo e parecia gostar imensamente de fazer exatamente isso. De vez em quando ela sussurrava em seu ouvido e ele sussurrava de volta, sorrindo.

Eu tinha certeza de que, se ficasse muito mais tempo, a visão deles me deixaria fisicamente doente.

A imagem mental de mim vomitando acidentalmente nos brilhantes sapatos de marfim de Dolores me fez rir sozinha no escuro.

Outros alunos da Academia iam e vinham, a maioria parando para conversar com Alistair. Uma hora e mais duas bebidas depois, eu quase esqueci que estávamos aqui para me celebrar o que eu realizei.

Isso não era inteiramente verdade, porém, era?

Apenas uma pessoa se lembrou de me dizer algo. De *me* parabenizar pela minha enorme vitória hoje no meu exame ACE. E mesmo para a pequena Lucy Liverpool, pareceu uma reflexão tardia, só aumentou a conversa depois que ela disse oi para Alistair e comentou como o vestido de Dolores era bonito.

Ninguém disse nada sobre o meu vestido.

Pare de ficar de mau humor, disse a mim mesma, terminando a última rodada de bebidas e pensando que finalmente podia sentir o peso do coquetel alquimicamente enriquecido se instalando em meus ossos, começando a fazer minha cabeça girar.

Eu assisti as pessoas dançando. Pensei que talvez eu dançasse também... Mas depois pensei melhor. Eu estava muito bêbada e sabia disso. Como se não





bastasse, com Alistair aqui com Dolores, com quem eu iria dançar, afinal?

Você não precisava ser esperta para descobrir que o The Cellar só estava lotado porque foi Alistair quem os convidou para vir. Não tinha nada a ver comigo, ou minhas pontuações ACE.

Isso foi apenas uma desculpa para vir e beber.

De repente, eu não queria mais estar aqui. Na verdade, eu adoraria estar *em qualquer outro lugar do mundo* neste momento.

O que eu estava pensando? Por que eu tinha vindo?

Estúpida.

Eu me movi para me levantar, cambaleando um pouco, quando Dolores se levantou também, perguntando a Alistair onde ficavam os banheiros.

Ele me deu um olhar esperançoso e disse para Dolores alto o suficiente para eu ouvir: “Diana vai te mostrar.” Disse ele, e deu um sorriso encorajador, como se tivesse me feito um favor. Como se ele esperasse que ela e eu nos dêssemos bem. Para nos tornarmos amigas.

ECA.

Esta noite realmente não poderia ficar pior.

Tudo bem.

Eu mostraria a pequena senhorita gulosa-dois-sapatos para o banheiro, e então eu daria o fora daqui.





Eu varri um braço em direção ao corredor estreito e escuro que você podia ver através do enxame de corpos. “Por aqui.” Eu disse, e em um movimento ousado de sua parte, ela enrolou seu braço no meu.

“Lidere o caminho.”

Acabou que não era a pior ideia andar assim, já que eu estava tendo mais problemas nos saltos do que antes, e Dolores em seus sapatos praticamente sem salto fez uma boa base para me ajudar a me manter de pé.

O barulho foi interrompido abruptamente quando entramos no banheiro, a porta bloqueando todo o som do lado de fora. Outro feitiço fez este cômodo à prova de som, e cada vez que alguém entrava, era um novo banheiro. Assim, todos tinham privacidade e nunca havia fila.

Eu podia me lembrar da primeira vez que experimentei isso, observando a fila de outras garotas desaparecerem atrás da porta, apenas para entrar atrás delas e encontrar um banheiro totalmente novo e vazio.

Fiquei espantada, mais ou menos como Dolores parecia agora.

Antecipando nossas necessidades, o banheiro era composto por uma única cabine e um banco com duas pias. Uma parede espelhada sobre elas. E uma poltrona de pelúcia. Parecia quase confortável o suficiente para dormir, e foi precisamente por isso que não me atrevi a sentar nele, com medo de não conseguir me levantar novamente.





Dolores correu para a cabine, selando-a e trancando-a atrás dela.

Meus ouvidos zuniram com a falta do barulho estridente que os assaltava momentos antes. Engoli em seco para tentar estourá-los. Sacudi minha cabeça.

“Então, Diana...” Dolores começou de dentro da cabine e eu revirei os olhos para sua tentativa de conversar. “Há quanto tempo você conhece, Alistair?”

Muito mais do que você...

Limpei minha garganta. “Quase cinco anos. Eu o conheci no meu primeiro dia na academia.”

“Muito tempo, então.”

"Sim. Parece uma eternidade."

Houve um silêncio constrangedor, e percebi que era minha vez de perguntar algo e manter a conversa. "E você? Você foi ensinada em seu treinamento básico em casa, então?"

Não era incomum. A Arcane Arts Academy era prestigiosa. Cara. Até eu tive a sorte de poder ir e, na verdade, eu tinha certeza de que meus pais haviam se endividado muito só para poder me mandar para lá. Mas eles eram do tipo que precisavam *parecer* importantes. Casarão. Bons carros. Escola chique para sua única filha. Quebrados em quase todas as outras formas.

A maioria das bruxas mataria pela chance de poder frequentar a Arcane Arts Academy, ou o instituto irmão no Reino Unido.





Não me surpreendeu, com suas roupas simples e sapatos gastos, que ela não tivesse condições de comparecer.

“Não, eu vou para St. Va-” Ela começou, mas se conteve. “Quero dizer, sim. Educada em casa.”

Certo. Havia algo não muito certo sobre ela. Sobre toda essa situação. Ela e Alistair. E não era apenas minha óbvia antipatia por ela ou o fato de ela estar invadindo *meu* território. Não, havia algo mais nisso que eu não estava entendendo.

Seria possível que ela fosse... *Não, Alistair nunca...*

Ele iria?

“Dolores.” Eu perguntei quando ela saiu da cabine e foi até a pia mais distante de mim para lavar as mãos.

“Hmmm?”

Fui para ficar atrás dela, examinando seu reflexo no espelho. “De onde você é, afinal?”

Ela engoliu em seco, mantendo a cabeça baixa. “Ah, eu já não disse? Eu sou da Irlanda.” Ela tocou as mãos, não encontrando meu olhar. Suas bochechas inflamaram sob a fina camada de poder que ela usava em sua pele. “Bem, uma pequena vila lá... Você não deve ter ouvido falar dela.”

Uma vila pequena? Sua família vivia entre os mortais, então?

Eu suspirei. Meus olhos se arregalaram e os dela dispararam para encontrar os meus no meu reflexo atrás dela. Minha mão disparou para minha boca.





“Você é...” Eu comecei, mas não consegui dizer isso. Eu me sinto doente.

Como ele pode?

Saí do banheiro, deixando-a com uma expressão de dor no rosto enquanto ela corria para enxaguar o sabonete, provavelmente para me impedir do que eu estava prestes a fazer.

Um jorro de calor, música, luz e os cheiros de perfume barato e doce conhaque me atingiram como uma parede quando saí, atravessando qualquer um que estivesse no meu caminho.

Ele me viu chegando, e deve ter havido algo em meus olhos porque ele se levantou, acenando para os dois caras com quem ele estava falando com um pedido de desculpas apressado. Do que restava da bondade em meu coração, esperei os cinco segundos extras para que eles saíssem do alcance da voz.

“O que diabos *you* está pensando?” Eu exigi. “Você está louco, Al?”

Ele ergueu as mãos no gesto apaziguador que costumava reservar para separar brigas na escola. Mas essa era uma luta que precisava ser travada. Ele tinha que ver a razão. Isso não era apenas errado, era *ilegal*. *Perigoso*. Ele poderia se matar. Fazer *com que ela* seja morta também, se ele não for cuidadoso.

“Está tudo bem, Dee...”

“Ela é *humana!*” Eu gritei, lamentando o volume um momento depois. Ninguém mais podia ouvir. Eu o





puxei para mais perto pelo braço. “Ela é humana e você está *namorando ela? Você a trouxe para o The Cellar?*”

Meu tom estava ficando mais alto, o pânico percorrendo meus dedos e correndo como uma corrente elétrica pela minha espinha me fazendo perder o pouco controle precioso que eu tinha.

Eu não concordava exatamente com todas as leis do Conselho Arcano. As leis que nosso magistrado, Godric Montgomery, pôs em prática quase cinquenta anos antes. Mas não importava se eu concordasse, se algum de nós concordasse. Era proibido tomar uma esposa mortal. Um amante mortal, claro. Mas estar com alguém em um relacionamento romântico, *dizer a* alguém o que você realmente era, era uma ofensa de traição.

Eu não podia deixá-lo fazer isso consigo mesmo. À sua reputação. Era muito perigoso.

“Tudo bem.” Ele retrucou. “Apenas ouça.”

Eu não acho que o tinha visto tão preocupado. Tão agitado.

“Alistair?” Dolores disse, vindo atrás de nós.

Eu quase rosnei para ela.

“Dolores, você pode nos dar um minuto?” Alistair disse, o que eu pensei ser provavelmente a coisa mais razoável que ele disse a noite toda. Mas eu precisaria de muito mais do que um minuto.

Quando ele se virou para mim, eu o encarei, incapaz de dizer mais nada. A raiva e a traição





circulando dentro de mim como uma nuvem escura de tempestade. Uma pequena mudança e poderia começar a chover ou eu poderia quebrar, transformando-me em um tornado que o derrubaria de costas.

Eu não queria que nenhuma dessas coisas acontecesse. Eu era Diana Granger. Até Diana bêbada era inteligente, calculada. Nivelada. Ele não me faria rachar.

“Comece a falar, Al, ou então me ajude à não...”

“Tudo bem.” Ele advertiu. “Tudo bem.”

Ele suspirou pesadamente, coçando uma coceira fantasma na parte de trás de seu pescoço.

“Olha, você não pode contar a ninguém.”

Isso não era uma explicação.

“Nada de merda.”

Sua mandíbula se apertou, mas ele não retrucou e demorou um pouco antes de responder. “Eu me inscrevi para um assento no conselho como você disse que eu deveria.”

Ele fez?

E logo depois que pensei nisso, percebi que era apenas mais uma coisa que ele deixou de me dizer. O que estava acontecendo conosco? Eram Al e Dee contra o mundo. Já era assim há anos. Compartilhando os sucessos uns dos outros, apoiando-se mutuamente no fracasso.





Isso não era nós. Nós não brigamos. Eu não conseguia me lembrar de um momento em que já tivemos isso antes.

“Bem, já se fala muito sobre isso, Dee. A lei que proíbe isso é antiga. Desatualizada. Assim que conseguir esse lugar no conselho, vou derrubá-la. E poderemos pedir um novo magistrado. Poderemos *mudar* as coisas, Diana. Finalmente... Mudança real. Se conseguirmos votos suficientes, talvez até consigamos abolir a lei que nos proíbe de nos assumirmos para humanos. Podemos finalmente ser livres. *Viver livres.*”

Eu balancei minha cabeça, incapaz de ouvir mais nada. Eu tinha ouvido tudo isso antes. Esse sempre foi o plano de Alistair. Para mudar as coisas. Para tornar as terras mortais um lugar melhor para as bruxas.

Ele queria que fizéssemos um verdadeiro lar para nós mesmos aqui, como em nossas terras imortais, centenas de anos atrás. Mas eu não acho que ele entendeu a gravidade de seu pedido. Como seria difícil.

Ele era carismático, com certeza. E inteligente. Magnético. Eu não tinha dúvidas de que um dia ele conseguiria um assento no conselho e traria algumas mudanças incríveis e *positivas para nossa espécie*.

Mas ele ainda nem tinha saído da academia. E agora ele seria um criminoso aos olhos do conselho. Era muito cedo.

“Você nunca falou sobre querer mudar essa lei antes.” Eu o desafiei. Sempre foi seu objetivo e seu sonho, de alguma forma, permitir que as bruxas saíssem como realmente éramos e vivessem entre os





humanos em paz. E para desfazer as maldições impostas às outras raças quase mil anos atrás, mas até eu sabia *que* essa tarefa era impossível. Mas agora... Agora ele também queria deixar tudo bem para nós termos relacionamentos românticos com mortais. Casar com eles? Procriar com eles? Manchar nossas linhagens mágicas?”

Eu me sinto doente.

Seria o nosso fim. O começo do fim da raça Alquimista se ele fizesse isso. Não seria?

“Eu não posso tolerar isso.” Eu disse através de uma onda rapidamente crescente de lágrimas. “É perigoso. Você pode se machucar. E você é um maldito *tolo* por trazê-la aqui.” Eu disse, mais irritada do que eu pensei que já estive em toda a minha vida. “Por mostrar a ela tudo isso!”

Ele inclinou a cabeça, e eu vi os círculos profundos sob seus olhos. Como sua pele parecia mais pálida do que o normal. Como eu não tinha notado antes? Isso estava trazendo-lhe uma enorme quantidade de estresse também.

Se eu pudesse convencê-lo de que não valia a pena o risco, que ele poderia ter alguém melhor para ele.

Alguém como eu.

“Eu não esperaria que você dissesse isso.” Ele disse em uma voz tão baixa que eu mal podia ouvi-lo sobre a música. “Mas você não pode contar a ninguém sobre ela.”





Eu não sabia mais o que dizer. Eu estava com medo de nos quebrar ainda mais do que já estávamos quebrados. Meu peito apertou dolorosamente quando eu disse: “Claro que não vou.” Um pouco surpresa que ele me achasse capaz de uma coisa dessas. Como ele poderia não saber que eu faria qualquer coisa por ele?

Absolutamente qualquer coisa.

Ele olhou para cima e o fantasma de um sorriso puxou os cantos de seus lábios. Lábios que eu sonhei em beijar por anos. Seus olhos castanhos brilharam quando um orbe de luz de bruxa se aproximou, e mesmo que eu estivesse com raiva dele, não pude deixar de admirar a curva de seu rosto no brilho. Os ângulos agudos de sua mandíbula. A maneira como seu cabelo escuro caiu para frente quando ele abaixou a cabeça, quase longo o suficiente para cobrir os olhos, mas não exatamente.

“Eu sabia que podia contar com você.” Disse ele. “Se ela pode me aceitar, então talvez todos os outros humanos também possam, certo?”

“Certo.” Eu respondi entorpecida, saindo disso quando sua mão se fechou em torno da minha.

Eu respirei fundo com o contato, quase pronta para derreter enquanto seu calor pulsava em mim. Minha magia subiu para encontrar a dele, enrolando-se em meus pés para alcançar. Tocar.

Sempre que ele me tocava, parecia *certo*. Como nos encaixamos. Como ele poderia não sentir isso também? Minha magia o chamava. A dele também não me chamava?





“Al...” Eu comecei, engasgando com seu nome enquanto um poço de emoção se abria dentro de mim.

“Eu não sei o que eu faria sem você, Dee.” Ele disse suavemente enquanto encostava sua testa na minha.

Eu peguei meu lábio inferior entre os dentes e resisti ao desejo do meu corpo de puxá-lo para mais perto. Para respirá-lo.

“Apenas tenha cuidado.” Eu disse entre os dentes cerrados. Tentando manter minha mente e corpo intoxicados sob controle, tornando-se cada vez mais difícil a cada segundo.

“Eu vou.” Disse ele, e nos separamos, só um pouco. Ele olhou para mim com algo como admiração em seu olhar. Ou espanto. E isso fez meu coração pular, correndo ainda mais rápido do que a música crescendo ao nosso redor. “Mas você é minha melhor amiga, Dee, eu preciso de você ao meu lado. Eu preciso que você esteja comigo nisso. Somos uma equipe.”

Eu balancei a cabeça.

“Como uma família.” Acrescentou. “Eu não pensei que depois de meus pais e Grace...”

Ele fez uma pausa, incapaz de terminar a frase. Incapaz de expressar a coisa horrível que ele odiava falar. Como seus pais e irmãzinha morreram logo depois que ele começou na academia.

Meu coração doeu por ele. Esperei pacientemente que ele terminasse. Sem saber onde ele estava indo com isso. Ou como toda a raiva que eu tive apenas um momento antes, todo o medo, de alguma forma





desapareceu. Ele tinha esse efeito em mim. Eu nunca poderia confiar em meus próprios pensamentos em torno dele

“Bem, eu nunca pensei que teria alguém que eu pudesse chamar de família novamente. Mas eu estava errado.”

Espere o que?

O que ele disse?

Não.

“Al...”

“Você esteve lá para mim desde o momento em que nos conhecemos...”

“Sim, e você esteve lá para mim também.” Eu rebati, me afastando, sabendo onde isso levaria e querendo fugir para longe. Para fazer seus lábios pararem de se mover. Para fazer com que os sons parassem de sair.

Porque eu sabia o que ele diria.

Acho que já sabia há algum tempo. Eu só não queria admitir.

“Apenas ouça.” Ele interrompeu. “O que estou tentando te dizer é...”

Prepare-se para isso.

Ergui um muro ao redor do meu coração, fechei os portões de ferro, amarrei arame farpado no topo e tranquei a fechadura. Eu desliguei. Desliguei.





Eu me desapeguei de mim.

“Você é família para mim, Dee. Como uma irmã. E espero que um dia você possa olhar para Dolores como uma irmã também.”

E então ele me abraçou, e por mais que eu quisesse, não consegui retribuir. Eu não pude envolver meus braços ao redor dele, eles estavam muito ocupados tremendo, meus dedos ficando frios. Entorpecidos.



Eu tropecei pelo porteiro e subi os degraus escorregadios, recebendo olhares estranhos daqueles que ainda esperavam para entrar.

Deixe-os pensar o que quiserem. Eu não me importava. As lágrimas caíam sem parar, e eu estava meio cega por causa delas enquanto elas jorravam de mim. Eu sabia como deveria estar. Com a fuligem preta do meu delineador escorrendo pelo meu rosto. Ranho saindo do meu nariz.

Eu nunca agi assim. Eu nunca deixei as coisas me afetarem tanto.

Junte-se, disse a mim mesma, engasgando com as lágrimas enquanto fazia o meu melhor para engoli-las. Para combatê-las e a dolorosa sensação de inchaço atrás da minha grande gaiola. Eu não deixava as





peessoas me machucarem dessa maneira. Eu sabia que não devia ficar tão apegada, não sabia? As pessoas tinham o péssimo hábito de te decepcionar.

De mostrar o quanto eles *não* se importavam com você quando você mais precisava deles.

Eu iria para casa, mas não haveria conforto lá. Nenhum abraço maternal para aliviar a dor e secar minhas lágrimas. Nenhuma palavra paternal de sabedoria para acalmar minha mente e me dar uma nova perspectiva.

Meus pais não eram assim. Inferno, eles nem estavam em casa! E quando eles estivessem de volta, eu teria me limpado. Eu não conseguia aguentar seus olhares de julgamento. Eu já sabia o que mamãe diria, *não seja tão dramática, Diana. Seque essas lágrimas pelo amor de Deus, você está horrível.*

Isso só me fez querer chorar mais, no entanto. Isso não era assunto dela. Ela não entenderia a dor que eu estava sentindo. Ela e meu pai estavam juntos desde que frequentaram a academia, e nunca houve nenhum amor *real* entre eles, pelo menos, não que eu já tivesse visto.

A tristeza começou a azedar em meu estômago. Tornou-se algo mais parecido com frustração. Raiva.

Dei os últimos passos atordoada, respirando com dificuldade após a longa subida de volta até a entrada de Sigilante. Exceto que o salto do meu sapato ficou preso na borda do patamar e fui jogada para a frente, com as palmas para fora, meu coração na garganta, e fui atropelando um homem de terno que estava saindo do clube do andar de cima.





Eu bati nele com *força*. A respiração deixou meus pulmões e eu lutei para recuperá-la enquanto quicava nele e cambaleava para trás, aproximando-me da borda da enorme escada.

Houve um momento, fugaz, em que tive a certeza de que cairia. Que seria assim que tudo terminaria. Mas Alistair já havia partido meu coração, então, pensei, por que não quebrar meus ossos também.

Pelo menos esse tipo de dor fazia sentido. Pelo menos as pessoas podiam ver. Mas o homem que eu atingi estendeu a mão, sua mão como uma cobra solta de um poço, e seu aperto se fechou em volta do meu pulso como um torno. Minha cabeça foi puxada para trás quando meu corpo foi puxado da borda para terra firme.

“Malditas crianças.” Ele amaldiçoou baixinho, e me soltou como se pudesse pegar algo só de me tocar.

“M-me desculpe.” Eu gaguejei. “Meu sapato ficou preso e eu...”

Ele ergueu a mão para me silenciar, e eu corei carmesim, estremecendo quando notei o que ele carregava. Uma maleta estampada com o emblema do Conselho Arcano.

Me mate. Apenas me mate.

Suspirei, abaixando a cabeça.

“Não se preocupe com isso.” Disse ele, claramente descontente.





Foi quando notei um pedaço de papel dobrado que ele devia estar carregando no azulejo perto de seus pés quando ele começou a se afastar. Eu mergulhei para ele, ansiosa para compensar o que eu tinha acabado de fazer.

“Senhor.” Eu disse, pegando-o do chão. “Você deixou cair isso.”

Ele se virou e, ao ver o papel em minhas mãos, seus lábios se curvaram em uma carranca sob o cabelo espesso de sua barba, e seus olhos azuis escuros se inclinaram de uma forma que fez meus dedos dos pés se curvarem.

“Dê-me isso!” Ele rosnou, movendo-se para arrancá-lo de mim.

O símbolo no papel pegou a luz, apenas por um segundo antes de ser arrancado de minhas mãos. O tom dourado da marcação semelhante a um sigilo é fraco, brilhando levemente.

Três formas interligadas. Como espirais, ou círculos. Eu nunca tinha visto antes, mas sabia que não era nenhum símbolo pertencente ao Conselho Arcano.

Engoli em seco, curvando minha cabeça enquanto o homem pisava na úmida noite da Louisiana além da entrada protegida.

Bem, isso poderia ter sido pior...

Soltei um suspiro, aliviada ao descobrir que todo o desastre me fez parar de chorar, pelo menos.





Mas o jeito que deixei as coisas com Alistair... O sorriso que forcei a meus lábios... O jeito que minha garganta parecia estar cheia de lâminas de barbear quando eu disse a ele que ele estava lá para mim também.

Eu fingi cansaço e culpei a maldita bebida azul pela forma como meus olhos lacrimejaram e minhas bochechas coraram, disse que tinha bebido demais e precisava ir embora. E então eu fugi...

Não. Eu cansei de chorar. Eu não pensaria mais nisso.

Depois de ter certeza de que o membro do conselho estaria do outro lado da rua e através do portal de sua casa, saí do prédio, fazendo meu próprio caminho para o beco reservado para entrar e sair de Sigilante.

Deve ter chovido um pouco enquanto eu estava no The Cellar porque as ruas estavam molhadas e eu enfiei meu pé em uma poça que era muito mais profunda do que parecia à luz da lua.

Apenas minha sorte.

Eu estava tão farta de hoje.

Eu tinha mais estudo para fazer. Por que eu tinha concordado em vir a essa suposta celebração de qualquer maneira?

Se eu fosse vencer os ACEs do sexto ano também, precisaria começar a juntar notas agora e mantê-las em ordem cronológica. Limpo e arrumado, com seções





sublinhadas que mais tarde transformaria em cartões de estudo. Sim. Isso era o que eu faria amanhã.

Minhas notas eram a única coisa na minha vida que eu sentia no controle, e só de pensar em todos os meus cadernos e arquivos cheios do conhecimento que eu acumulei ao longo de quatro anos na Arcane Arts Academy me fez sentir muito melhor.

Sacudi a água do meu pé e entrei no beco, tomando cuidado para ter certeza de que não havia ninguém por perto que me visse. Não que isso importasse, realmente, já que o beco estava protegido com o mesmo feitiço que protegia Sigilante de curiosos espectadores mortais.

O sigilo se materializou na palma da minha mão e eu o pressionei em uma parte da parede, desenhando uma porta tosca no tijolo com a ponta do meu dedo. Minha magia respondeu em uma corrida maior do que costumava fazer, me deixando com uma força que me fez recuar. O álcool no meu sangue afetava da mesma forma que afetava minha mente.

Eu teria que perguntar a Psy o que era aquela coisa azul. A liberação da magia foi quase eufórica, e sorri para mim mesma quando o portal se abriu.

A casa atrás da porta estava escura, e lembrei que não havia ninguém em casa. Agora, isso parecia uma coisa boa. Eu não queria que ninguém me visse assim.

O portal se fechou atrás de mim e eu tirei meus saltos e o vestido ridículo ali mesmo na entrada pela porta dos fundos. Ansiosa para escorregar na cama.





Se os calcanhares dos meus pés pudessem falar, eles teriam suspirado de alívio ao encontrar o piso frio de madeira, e a dor diminuiu. Por que as pessoas sempre usavam saltos, afinal?

Eles eram tão desconfortáveis.

Eu preferia meus sapatos da escola.

Um guincho quase me fez cair de cara no chão quando Rufus saltou para a entrada para pular em volta dos meus pés.

“Olá, pequeno roedor.” Eu disse a ele, me curvando para dar-lhe um tapinha e permitindo que suas energias passassem por mim, me fortalecendo de dentro para fora. “Um menino tão bom. Vá, agora. Volte para a cama.”

Ele desapareceu de volta nas sombras com um gemido indigno. Um familiar tão obediente, ele era. Eu tive pouco tempo para ele, para desenvolver mais nosso vínculo desde que comecei a frequentar a academia. Minha mente confusa tentou fazer uma nota mental para remediar isso. Ainda tínhamos muito a aprender, e ele podia fazer muito mais do que a simples tarefa de me dar forças.

Um calafrio acariciou minha parte inferior das costas e eu estremeci, correndo para a cozinha para pegar um copo de água antes de subir as escadas para o calor da minha cama.

Engoli avidamente, esperando que a água neutralizasse o que quer que eu tivesse bebido e me deixasse com uma ressaca que poderia ser curada por um simples sigilo de cura. A pior das ressacas gostava





de ficar por perto, como se a magia dentro de nós soubesse que a dor era auto-infligida e não se dignaria a ajudar com algo tão lamentável.

Eu não o culpo.

“Ah... Diana?”

Larguei o copo na pia e girei, agarrando a bancada para me apoiar, uma mão voando para o meu coração acelerado.

“Eu não quis te assustar. Eu só... Ouvi você entrar e... Ei, onde estão suas roupas?” Nico se aproximou, e notei que ele estava apenas de cueca boxer, e na luz fraca do luar que entrava pelas finas cortinas brancas eu podia ver as linhas em seu peito tonificado, e cada um de seus abdominais. Oito, se não me engano.

Isso é impróprio! A voz da minha mãe gritou na minha cabeça, mas a névoa do licor engoliu o som de sua irritação.

“Você está bem? Aconteceu alguma coisa?” Ele correu para dizer, vindo para me examinar mais de perto.

Estúpida.

Como eu tinha esquecido que eu disse a ele que ele poderia passar a noite?

Desviei meu olhar, inclinando minha cabeça antes que ele pudesse ver a bagunça escorrendo pelo meu rosto. “Tudo bem. Estou bem, Nic.”

Mas ele não seria enganado. Ele parou na minha frente, tão perto que eu jurava que podia sentir o calor





irradiando dele. “Não, você não está.” Ele disse, mais gentilmente agora, enquanto passava os dedos por cima do meu ombro, varrendo meu cabelo atrás das costas. “Olhe para mim. Diga-me o que aconteceu.”

Por que ele sempre era tão legal comigo? Ele não podia ver que eu estava com raiva e chateada? Eu não queria falar sobre isso. Eu queria...

Eu olhei para cima, e vi seus olhos se arregalarem, apenas por um instante antes de ele controlar suas feições de volta em um olhar de calma suave e fria.

Eu poderia dizer a ele, não poderia? Nico e eu, contamos quase tudo um para o outro. Eu sabia que ele estava fazendo seu próprio exame na próxima semana e se tornaria um Oficial Arcano de pleno direito, e que ele provavelmente estaria se mudando da casa de barcos, querendo ou não, se meu pai tivesse algo a dizer sobre isso.

Eu também sabia que ele estava muito nervoso com isso. Não apenas sobre o exame, ou se ele passaria ou não, mas também sobre o trabalho em si. Ele tinha medo de fazer algo errado. De colocar um inocente em apuros, ou deixar um criminoso livre por engano.

Era muito para o ombro. Meus próprios problemas pareciam pequenos e estúpidos diante do que ele estava prestes a conquistar.

“Não importa.” Eu sussurrei, meus ombros caindo.

“Ei.” Ele sussurrou de volta e inclinou meu rosto para que ele pudesse olhar para mim. “É importante para você, então é importante.”





Seu cabelo loiro polido brilhava ao luar, e um sorriso triste surgiu em seu rosto. “Ele está com outra pessoa.” Eu murmurei. “E ela não é boa para ele. Ela é... *Deus Nic, ela é...*” Mas não consegui falar.

“Ela é o quê?”

“Humana.” Eu soltei antes que eu pudesse me impedir, e o senti tenso.

Ele inclinou a cabeça para mim, e eu pensei ter visto algo como confusão misturada com mágoa cruzar suas feições, mas uma fração de segundo depois, ela se foi. “Alistair?” Ele perguntou, os círculos preguiçosos que ele estava esfregando na minha mandíbula com o polegar parado por um momento.

Eu balancei a cabeça. Na verdade, eu nunca disse a Nico como me sentia sobre Alistair, mas não achei difícil adivinhar pelo jeito que falava sobre ele. E como minha vida sempre parecia se formar em torno dele. Como se ele fosse o objeto, e eu fosse apenas um molde.

Pensar nisso dessa forma fez doer ainda mais, então eu disse a mim mesma que não era verdade. Porque não era. Certo?

Certo.

As sobrancelhas de Nico franziram e os músculos em suas têmporas se contraíram enquanto ele trabalhava sua mandíbula. Suas mãos em ambos os lados do meu rosto ficaram um pouco mais apertadas. “Você me escute, Diana Granger.” Ele disse, sua voz rouca e profunda, as palavras ecoando em mim. “Você é boa demais para ele. Você é inteligente e engraçada,





e você é a mulher mais determinada que eu conheço.” Ele respirou. “Você merece mais do que um homem que não vê o seu valor.”

Meu coração disparou no meu peito, e uma ginasta andou em uma corda bamba precária na minha barriga. Eu sabia que ela ia cair, mas de um lado havia um poço de desespero e do outro havia outra coisa. Algo quente e se contorcendo, algo que fez minhas costas arquearem e meu corpo esquentar. Desejo.

O olhar de Nico cintilou para os meus lábios e voltou para os meus olhos. Uma pergunta silenciosa.

A ginasta caiu, e eu não pude evitar. Seus lábios se separaram e eu lambi os meus em resposta. Era o único convite de que precisava. Ele me beijou levemente no início, a leve pressão de seus lábios carnudos tão doce que um pequeno suspiro escapou dos meus lábios.

Ele se afastou, procurando por algo em meus olhos. Eu não tinha certeza se ele encontrou o que estava procurando lá, mas ele me perguntou: “Posso tirar a dor?”

Meus olhos se encheram de lágrimas, e minha mandíbula apertou. Eu balancei a cabeça, dando-lhe permissão.

Fazia meses desde aquela vez que Nico e eu escorregamos. Nós éramos amigos. Só amigos. Mas eu me lembrava, tinha sido bom, e foi só com a luz do dia que nós dois percebemos que não havia nada ali além de desejo carnal e um pouco de bebida demais.





Isso parecia diferente daquilo.

A próxima vez que ele me beijou, libertei a parte de mim que eu normalmente mantinha presa. Eu queria senti-lo e me perder na bela sensação de seus dedos enquanto eles viajavam pelos meus braços para me agarrar pelos quadris, me puxando para mais perto.

Ele tinha gosto de bourbon e cheirava a névoa do oceano e madeira quente. Minhas mãos exploraram os mergulhos e vales de seu músculo, famintos para mergulhar mais fundo.

Ele soltou um gemido e sussurrou meu nome contra meus lábios. Eu empurrei meus quadris nele, sentindo seu comprimento impressionante contra minha cintura, eu me movi contra ele, dando-lhe permissão.

Um segundo depois, minhas costas estavam contra a bancada e o movimento chocante quando meus quadris se conectaram com ele sacudiram uma imagem... De Alistair. Muitas vezes me perguntei como seria ter seus lábios nos meus. Eles pareceriam assim?

Ele me seguraria assim?

Com os olhos fechados, minha mente ainda intoxicada podia imaginar que os dedos brincando no cóis da calcinha eram *dele*. Os lábios mordiscando o ponto macio logo abaixo da minha orelha direita, também dele.

Com meus olhos fechados, por que isso não poderia ser real?



4

Se achava que sábado de manhã era estranho acordar com um Nico muito nu na minha cama ao som dos meus pais descendo as escadas, segunda de manhã foi ainda pior.

Alistair não tinha ligado nem vindo. Nós não tínhamos conversado desde sexta à noite no The Cellar, o que era estranho para nós. Geralmente conversávamos todos os dias. Então, quando eu passei da minha casa para a academia na segunda de manhã, eu estava tensa e coberta por uma fina camada de suor frio e pegajoso.

Eu não pude evitar.

Lembrei-me de tudo da noite de sexta-feira, ou pelo menos pensei que me lembrava. Eu saí abruptamente e gritei com ele. Eu posso tê-lo chamado de idiota. Eu não me lembrava dos detalhes do que eu disse em meu estado de choque quando descobri sobre Dolores. Mas eu me lembro de ter dito a ele que manteria seu segredo, e ele me disse que eu era como uma família para ele.

A picada dessas palavras era uma constante chicotada contra meu peito, e toda vez que o eco delas ricocheteava de volta para mim, eu estremecia.

Acabei indo direto para o meu dormitório em vez de ir para o refeitório para o café da manhã. Querendo



vê-lo, mas também não querendo. Com medo de que a forma como eu reagi de alguma forma teria aberto uma fenda entre nós.

Eu não poderia suportar se isso acontecesse, e eu estava bastante certa de que um simples pedido de desculpas não seria suficiente para consertar isso.

Uma imagem do sigilo para fazer alguém esquecer algo veio espontaneamente à minha mente, mas isso era loucura. Proibido. Ilegal.

Eu balancei minha cabeça para o meu absurdo. Esses tipos de feitiços eram reservados para Oficiais Arcanos, e só podiam ser usados na presença do Conselho Arcano com a aprovação do Magistrado. E havia uma boa razão para isso também.

Um pequeno erro na formação do sigilo ou na fala do encantamento e você pode apagar completamente toda a memória de alguém. Você poderia efetivamente lobotomizá-los se não fosse feito corretamente.

Claro, eu estava confiante em minhas habilidades, mas mesmo eu não era louca o suficiente para fazer algo assim.

Ugh. Sentei-me no parapeito da janela, feliz por Anabella, minha tranquila colega de quarto, ter decidido descer para o café da manhã, me deixando em paz.

O dia lá fora estava monótono para o início de julho na Virgínia Ocidental, mas a cordilheira onde a academia estava escondida em segurança entre árvores altas e rochas irregulares tendia a criar seu próprio clima.





O céu tinha um tom opaco de cinza-azulado empoeirado, intercalado com nuvens mais escuras que ameaçavam chover. Um flash de cabelo escuro brilhante chamou minha atenção e meus lábios se separaram ao vê-lo indo para o banco de pedra perto da borda do terreno.

Era o nosso lugar e tinha sido desde o meu primeiro ano. Quando estava bom lá fora, comíamos lá fora, só nós dois, rindo das coisas que os outros alunos faziam.

Ele estava sozinho, no entanto. E quando ele se sentou em cima da pedra, eu vi que ele segurava algum tipo de diário, e nele ele rabiscou notas furiosamente, referenciando um pedaço de pergaminho esfarrapado que ele segurou contra a luz fraca do sol para ver melhor.

Melhor acabar logo com isso, pensei, e suspirei.

Levei alguns minutos preciosos para chegar até ele, e nesse tempo, o céu conseguiu ficar ainda mais ameaçador, as nuvens quase verdes na cor. Todos os vestígios de luz do sol desapareceram.

Ele ainda estava lá, no entanto, ainda rabiscando em seu diário, sua cabeça curvada em concentração, e suas sobrancelhas juntas. Achei que se ele pressionasse mais forte na página, ele rasgaria o pergaminho.

Limpei a garganta quando me aproximei, não querendo assustá-lo.





O brilho em seus olhos se dissipou, e ele olhou para cima, assustado. Seus olhos se arregalando e seu rosto branco como um lençol.

Eu não tinha notado antes como seus ombros estavam curvados e suas costas curvadas. A forma como ele estava respirando pesadamente, seu peito subindo e descendo com o esforço de cada respiração.

Levei um momento para colocar o que vi em seus olhos, e quando o fiz, meu estômago caiu.

Ele parecia... Assustado.

“Al.” Eu disse gentilmente, me aproximando dele com cautela. Eu nunca o tinha visto com medo antes, não assim. Era mais do que apenas preocupante. Isso me deixou com medo também. “O que foi?”

Ele engoliu em seco e balançou a cabeça, piscando rapidamente.

Eu me movi para sentar ao lado dele, e ele rapidamente dobrou o pedaço maior de pergaminho e o enfiou no diário, fechando-o rapidamente com um *baque retumbante*.

Um pouco de cor vazou de volta em seu rosto enquanto ele sorria, encolhendo os ombros levemente. “Ainda não tenho certeza.” Disse ele, sua voz distante, tentando jogar fora o que realmente estava acontecendo.

Eu ri nervosamente, tentando ignorar o terrível pressentimento que estava tentando subir pelas minhas costas e se aninhar em algum lugar mais alto. “Muito misterioso.” Eu brinquei.





Ele se virou para mim, sua expressão sem qualquer indício de brincadeira enquanto me examinava, parecendo decidir algo na fração de segundo entre as respirações. Ele disse: “Acho que posso tê-lo encontrado, Dee.”

Alistair olhou para o diário encadernado em couro preto que ele segurava, os nós dos dedos totalmente brancos contra a azeitona escura de suas mãos.

Eu não entendi, mas admito que me senti aliviada por não haver estranheza entre nós. Ele estava agindo de forma estranha e distante, mas não por minha causa, era por causa de outra coisa.

“Você encontrou o quê?” Eu perguntei hesitante, apertando minhas mãos em punhos ao meu lado. Seu medo contagia. Se o que ele encontrou teve esse efeito sobre ele, eu não tinha certeza se queria saber o que era.

Ele rapidamente enfiou o diário em um bolso grande no interior de sua jaqueta e passou as duas mãos pelo cabelo, afastando-o do rosto. “Eu acho que pode ser a chave para desfazer a maldição.” Ele suspirou, seu olhar correndo para a esquerda e para a direita, como se temesse que alguém pudesse estar nos ouvindo.

Eu bufei. “Ok, agora eu sei que você está brincando. Pare de brincar comigo, Al. Você me assustou!”

Mas não havia luz em seus olhos. E ele não riu comigo. Não me disse que eu estava certa, ou me empurrou de brincadeira como ele costumava fazer. Ele olhou para mim como se pudesse ver bem dentro





da minha alma. E então através de mim como se eu nem estivesse lá enquanto seus pensamentos vagavam.

“Al?”

“Você tem que jurar não contar a ninguém, Diana.” Disse ele, abaixando a cabeça. “Esta é uma informação perigosa.”

Minha coluna estremeceu, uma coluna de gelo subindo pelas minhas costas. Eu estremei.

Perigosa?

Alistair era sempre *seguro*. Ele era *meu porto seguro*. O que ele estava fazendo? Ele estava estragando tudo. Ele estragara tudo.

Primeiro Dolores, e agora isso?

Claro, ele queria mudar as coisas, queria um assento no Conselho Arcano para que ele pudesse pedir para vivermos livremente entre os humanos e ter o poder de desfazer o que nossos ancestrais fizeram. Eu sabia disso, todo mundo sabia. Mas todos também sabiam que pelo menos um de seus grandes objetivos era totalmente impossível...

Quando Cipriano lançou a maldição em nossa pátria imortal, seus alvos foram os Vocari e os Endurans, as duas outras raças de Emeris que procuravam desafiar o direito de sua família ao trono.

E ele conseguiu. Os Vocari, uma raça pacífica que vivia nas sombras das Montanhas Cinzas, que uma vez tiveram a capacidade de compelir as mentes dos





outros, agora a maldição os tornou demônios sugadores de sangue. Ligados para sempre às sombras. Amaldiçoados a nunca mais andar na luz do sol. Apenas a mais forte das linhagens ainda poderia compelir.

Os Endurans viviam na Ilha Thunderhead entre os grandes lobos atrozes que criavam como companheiros. Eles eram uma raça de ferreiros e lutadores. Eles fizeram as mais belas armas de ferro mais fortes conhecidas pelo homem. Mas a maldição os havia mudado também. Isso os transformou nas bestas que eles mantinham como animais de estimação. Amaldiçoados a mudar a cada lua cheia.

Foi um alquimista que lançou a maldição, embora o conhecimento da magia usada para realizá-la tenha sido perdido na viagem de Emeris às terras mortais junto com o Códice Alquímico, então não havia esperança em desfazê-lo.

Era um esforço inútil até mesmo tentar.

Então, por que Alistair estava olhando para mim como se *eu* fosse a louca por não acreditar nele.

“Perigoso?”

Alistair respirou fundo, olhando para a academia como se estivesse vendo pela primeira vez. “Há pessoas que matariam por esse tipo de informação.”

Ele disse *matar*?

“E há muitos na comunidade bruxa que procurariam fazer exatamente o oposto do que pretendo. Eles usariam isso...” Ele disse, dando um





tapinha no peito onde o diário estava, envolto no tecido fino de sua jaqueta. “Para terminar o que Cipriano começou.”

Ele não estava fazendo nenhum sentido. O que ele estava dizendo não podia ser verdade.

Como se sentisse meu pânico e descrença, ele deu de ombros, e eu vi algo cauteloso entrar em seus olhos. Ele riu, e o som foi forçado. “Esqueça isso, Dee.” Ele disse. “Provavelmente não é nada, de qualquer maneira. Ainda não tenho certeza do que encontrei. Levará anos para decifrar, uma vida inteira.”

Mas ele descobriria. Se havia alguma coisa que eu sabia com certeza sobre Alistair, era que ele nunca desistia. Ele era persistente a ponto de irritar quando queria alguma coisa.

“Ok.” Eu respondi, levantando do banco com as pernas trêmulas de repente. Engoli em seco, pasma com a mudança completa em seu humor no espaço de apenas alguns dias. Com Dolores ele parecia feliz, animado.

Agora ele estava puxado e tenso. Eu não tinha dúvidas de que ele encontrou *algo*. Mas esse algo certamente não era o que ele pensava que era.

Ele veria isso em breve.

Eu tinha feito pesquisas suficientes para ele ao longo dos anos para saber que não existia tal coisa como um feitiço de reversão para uma maldição da magnitude da que Cipriano criou.





Pensei em mudar de assunto e perguntar a ele sobre Dolores. Onde ela estava. Perguntar se ele tinha certeza de que ela não contaria a ninguém sobre ele.

Preocupava-me a facilidade com que ele estava disposto a confiar nessa garota.

Eu me virei para a academia, colocando a mão no ombro de Alistair. “Devemos entrar.” Eu disse, mantendo meu tom leve. “Parece que vai chover e o sino vai tocar a qualquer segundo.”

“Hmmm? Oh, certo. Você tem razão.”

Ele se levantou para me seguir até a entrada.

Eu abri minha boca para dizer algo sobre *ela*, mas decidi melhor. Eu perguntaria a ele quando ele estivesse menos... Bem, assim.

Além disso, ele perceberia o perigo do que estava fazendo, eventualmente. E o perigo em que ele estava colocando sua *Dolores* também. Eu não precisava dizer nada. Ele faria a coisa certa por conta própria, porque ele sempre fazia.

Tudo o que eu tinha que fazer era esperar, e eu era conhecida por minha paciência.

Entramos no antigo prédio de pedra apenas um segundo antes de o céu se abrir e uma chuva torrencial começar a encharcar o terreno.

“Ah, Srta. Granger.” Professor Graystone disse, saindo correndo da biblioteca no exato momento em que a campainha tocou.

“Sim?”





“Você seria uma querida e correria para o meu escritório na ala dos funcionários? Parece que esqueci meus óculos na minha mesa.”

O professor de Poções mal esperou que eu respondesse antes de recuar pelo corredor em direção à minha próxima aula. “Você será desculpada por seu atraso, é claro.”

“Claro, senhor. Vou direto para lá.”

“Ah, uma boa moça.” Ele disse por cima do ombro enquanto corria para longe. Às vezes, os professores pareciam esquecer que as mulheres no prédio não eram mais apenas ajudantes, mas capazes de atender como estudantes. Eu não me importava, no entanto. Eu tive a honra que minha mãe e a mãe dela antes dela nunca tiveram por poder me matricular.

Eu parei Alistair quando ele se virou para entrar na biblioteca. “Ei.” Eu disse, e ele se virou, olhando para mim, mas não me vendo realmente. “Você não tem Línguas Antigas neste período?”

A pergunta era redundante, é claro. *Eu* conhecia toda a sua agenda e sabia desde o primeiro dia do semestre.

“É a última semana, Dee.” Ele respondeu. “Isso realmente importa? Eu já sei que passei... E há algo que quero procurar na biblioteca.

Ele estava matando aula?

Eu engoli em seco. “Tudo bem. Hum... Vejo você no almoço, então?”





“Vejo você no almoço então.” Ele repetiu e desapareceu nas estantes.



Foi uma coisa boa que o Professor Graystone me deu um passe livre por estar atrasado para fazer um favor a ele. Levei meu tempo indo da ponta da ala sul até a ponta da ala oeste, onde ficavam as residências e escritórios da faculdade. Eu precisava de tempo para limpar minha cabeça e entrar na mentalidade para a aula.

Alistair vai ficar bem, eu disse a mim mesma.

Eu não aceitaria outra opção. Com Dolores ou sem Dolores, ele era *meu* Alistair e eu cuidaria dele, mesmo que ele estivesse agindo como um lunático.

Eu balancei a cabeça para mim mesma, *sim. Tudo ia ficar bem*.

Eu levantei meu queixo e ganhei velocidade enquanto passava pelos escritórios dos Diretores, e virei a esquina em direção à ala dos professores.

Fazia um tempo desde que eu estava nesta parte da academia. Os alunos tecnicamente não eram permitidos, mas muitas vezes eu realizava favores pelos muitos professores da academia. Eu assumi que isso era uma coisa boa. Eles confiavam em mim para





não mexer com suas coisas. Não tocar no que eles não me pediram para tocar.

E eu não tocava. Eu não ousaria.

Não valia o risco de ser pega. Ter que enfrentar ainda mais decepção do que já tinha nos fins de semana com meus pais.

Assim como eu sabia que eles fariam, eles descartaram quase completamente minhas pontuações ACE que eu casualmente deixei de fora no balcão da cozinha. Depois que mamãe reclamou por eu deixar minhas *coisas da escola* no balcão, eu mostrei a ela e meu pai a nota. Ganhei um tapinha nas costas do meu pai e um *bom trabalho, querida*, de mamãe, mas foi isso. Depois, eles me disseram que eram os exames ACE do sexto ano que *realmente* importavam, mas era um conforto saber que eu estava *me aplicando*.

Me aplicando?

É isso que eles chamam de noventa e seis? Eu pensei que estava fazendo um pouco mais do que apenas *me aplicando*.

Argh.

Parei quando me aproximei dos escritórios dos funcionários. Os aposentos ficavam na escada no final desse corredor, mas entre mim e eles havia onze portas. Onze escritórios. E eu não conseguia lembrar qual deles pertencia ao professor Graystone. Quebrei meu cérebro tentando pensar.





O primeiro era do professor Denton, eu sabia disso. E o terceiro ou quarto da direita era do professor Sterling. Graystone não esteve ao lado dele?

Sim, isso estava certo.

O corredor estava calmo, pelo menos. Todos os professores em sala de aula ou em seus aposentos pelo som. Se eu estiver errada, eu suponho que eu poderia tentar outro.

Com determinação reforçada, abri a terceira porta do lado direito da sala e espiei para dentro.

Não, isso não parecia certo.

Eu tinha quase fechado a porta quando um flash de luz colorida floresceu à esquerda e eu estiquei meu pescoço para encontrar o professor Sterling abrindo uma porta contra um pedaço alto de parede nua entre duas estantes. A parede caiu para revelar o interior de outro escritório.

Um muito maior, muito maior, com uma enorme mesa de mogno e um banco de armários de madeira fina à esquerda. No meio da sala havia uma área de estar íntima, com poltronas de couro de pelúcia e uma pequena mesa de centro agachada no meio.

Em uma das poltronas estava sentado um homem. Alto, com cabelo escuro e em um terno de aparência cara. Eu só podia ver o lado de seu rosto, mas pensei que o reconheci.

Sim, eu já tinha visto aquele rosto antes. Já o vi várias vezes, então por que não poderia lembrar o nome que o acompanhava?





Sterling correu pelo portal. “Senhor! Eu não estava esperando...” Ele exclamou, a porta se fechando atrás dele, me deixando olhando para uma seção em branco da parede.

O homem se virou, pouco antes do portal fechar, e eu vi mais de seu rosto.

Eu me encolhi, esperando que ele não tivesse me visto espionando. Eu não pretendia. Eu só estava curiosa. E agora eu desejava ter sido uma boa mocinha como Graystone me pediu para ser e fechei a porta no momento em que percebi que não era o escritório certo.

Porque eu tinha certeza que o homem que estava esperando no grande escritório além das paredes da academia não era outro senão Godric Montgomery, o Magistrado do Conselho Arcano.



5

Alistair se retraiu cada vez mais em si mesmo durante toda a semana. Tentei tirá-lo de sua concha escura, mas não adiantou. Ele fingiu me ouvir quando eu tagarelei com ele sobre o que eu planejava escrever para o meu ensaio de literatura inglesa. Ele fingiu estar com nosso grupo no almoço quando comemos, mas ele não estava lá, não realmente.

Ele estava em outro lugar.

Mais duas vezes entre segunda e sexta eu o peguei rabiscando em seu diário, as pontas dos dedos manchadas de tinta e parecendo cada vez mais calejada a cada dia. Eu estava começando a duvidar que ele sairia dessa.

Especialmente porque quando eu perguntei a ele sobre Dolores, um último esforço para tirar alguma forma de emoção dele, ele me considerou como se não tivesse ideia de quem eu estava falando antes de murmurar algo sobre como ele pretendia vê-la neste fim de semana e *não fale sobre ela aqui, não é seguro*.

Como se *eu* estivesse colocando a mortal em perigo. Ah! Que risada.

“Querida, você poderia passar o Chronicle?”



“Hmmm?” Respondi ao meu pai enquanto terminava de cortar minha maçã em meias-luas uniformes e perfeitas.

“O Chronicle Diana, está lá no balcão.”

Era sábado e fiquei triste ao descobrir que meus pais pareciam estar hospedados neste fim de semana. Pior ainda desde que Alistair me disse que preferia passar o fim de semana sozinho quando perguntei se ele queria companhia na abadia. Eu poderia ir visitar Nico na casa de barcos, mas depois que eu o tirei da casa no sábado passado, eu não o tinha visto. E as coisas entre nós pareciam tensas e estranhas naquela manhã depois que dormimos juntos.

Nós dois estávamos um pouco bêbados, assim como da última vez que aconteceu. Mas ao contrário da última vez, desta vez pareceu mais... Apaixonado? Essa era a palavra certa? Não, talvez... Romântico?

Eu balancei minha cabeça com o pensamento confuso. Por que não poderia haver manuais para cada pessoa e você poderia apenas lê-los e *saber* o que eles estavam sentindo. Quais eram seus motivos. Como livros didáticos. Você poderia estudar livros didáticos. E então você saberia o conteúdo.

As pessoas não eram assim, no entanto. As pessoas eram muito mais complexas.

“Certo.” Eu respondi, limpando minha garganta e enxugando minhas mãos no pano de prato dobrado em cima do balcão.

Virei-me para encontrar o familiar de Ma, Tulipa, a Cobra-Rei, deslizando sobre a bancada. Ela levantou





a cabeça naquele movimento brusco dela, me fazendo estremecer. *Ugh*, eu odiava Tulipa. Ela assobiou baixinho em minha direção, mostrando sua barriga amarela pálida para mim, procurando por um animal de estimação.

Ela certamente estava latindo para a árvore errada. “Chô.” Eu disse, gesticulando para ela sair do balcão. “Continue.”

Peguei o Chronicle Arcana e desenhei o sigilo no ar sobre ela para abrir. “*Aperio Incicium*.” Eu suspirei, falando o simples encantamento que revelaria seu conteúdo. A tinta floresceu sobre o pergaminho, formando-se em pequenas palavras e artigos encaixotados todos impressados juntos.

Muitas bruxas não tinham dinheiro para viver como nós, em uma grande casa longe dos mortais. A maioria vivia bem debaixo de seus narizes. Em suas cidades. Eles eram vizinhos. Não poderia ter o auge das notícias sobre bruxas para os olhos mortais bisbilhotarem.

“Aqui.” Eu disse, entregando a ele. “Abri para você.”

“Obrigado, querida.” Disse ele, estendendo a mão sem se preocupar em tirar o olhar de uma carta que estava lendo.

Percebi que a manchete do Chronicle dizia, *Ladrão ainda foragido*, e abaixo disso, *recompensa oferecida por informações que levassem à prisão*.

“Espere.” Eu disse, quando meu pai se moveu para pegar o pergaminho. Como eu não tinha ouvido





falar disso? Dei uma olhada nas primeiras linhas de texto abaixo do título e senti minha boca se abrir. “Alguém realmente tentou invadir o Departamento de Investigação Arcana?”

“Tentou?” Meu pai latiu, endireitando os óculos no nariz. “Alguém invadiu.” Afirmou com naturalidade, pegando o papel de mim para colocá-lo na frente de si mesmo na mesa redonda da sala de jantar. “Honestamente, Diana, não sei como você não ouviu. Aconteceu dias atrás!”

Eu não estava tão surpresa que eu não tinha ouvido. Quer dizer, eu estava mais do que um pouco preocupada com Alistair. Alguém tinha que ficar de olho nele.

Meus dentes cerraram com a chicotada sutil. “O que a pessoa roubou?”

O Departamento tinha que ser quase impossível de invadir. Havia sentinelas e Oficiais Arcanos em todos os lugares naquele prédio. Você teria que ser um gênio ou incrivelmente estúpido para tentar.

Eu seria a primeira a admitir que o pensamento dos pergaminhos antigos nos arquivos me fez querer entrar mais de uma vez quando fui ver papai trabalhando na minha juventude, o conhecimento que eles devem ter! Mas não era nada mais do que um devaneio divertido.

Aqueles pergaminhos continham o conhecimento coletado de nosso povo. Nossa história. E com o Códice Alquímico perdido no mar, era realmente tudo o que nos restava de nossa herança mágica.



“Nada.”

Eu devo ter parecido confusa porque meu pai resmungou, me dando um olhar aguçado. “Eles não *roubaram* nada.” Esclareceu, como se estivesse falando com uma criança em vez de sua filha de vinte anos. “Eles apenas *tentaram*. Aconteceu pouco depois de eu sair do trabalho na quinta-feira. Alguém entrou nos arquivos, mas nada foi registrado como perdido.”

Inclinei a cabeça para ele, tentando ler mais da história por cima do ombro. Havia um pedaço de informação lá que não parecia fazer nenhum sentido.

Uma parte que eu vi no Chronicle, o *suspeito foi visto espreitando pelo Departamento, entrando em salas para as quais ele não tinha autorização para entrar. A equipe deu o alarme aproximadamente às oito horas da noite de quinta-feira, alertando os Oficiais Arcanos sobre o roubo. Infelizmente, os Oficiais Arcanos de plantão não conseguiram prender o jovem cavalheiro. Dizem que ele tinha um metro e oitenta e dois, cabelos escuros e um corpo esbelto.*

Então, um homem estava bisbilhotando em áreas que não deveria estar, mas isso não era motivo para espalhar a primeira página do Chronicle com a história... Não fazia sentido. Por que eles estavam esgotando os recursos e chamando toda a comunidade bruxa para ajudar a encontrar esse homem, a menos que ele tivesse pegado algo que eles queriam recuperar.

“Estranho, não é?”

Exasperado, meu pai se virou para mim, embora apenas um pouco, um olhar entediado em seus olhos azuis opacos.



“Se o Departamento insiste que nada foi roubado, por que eles estão chamando isso de roubo?”

“Estão apenas falando de pessoas em lugares a que não pertencem.” Meu pai disse, incisivamente mudando de assunto enquanto ele endireitava o Chronicle na frente dele, bloqueando minha visão dele com a fina folha de papel. “Nico veio esta manhã, disse que precisava falar com você. Foi uma feliz coincidência, pois encontrei sua cueca enfiada no sofá mais cedo e consegui devolvê-la a ele.”

Ignorando a provocação, e a maneira como ele estava claramente tentando me envergonhar, peguei meu prato de maçãs do rolo apertado de Tulip ao redor da tigela e chamei de volta por cima do ombro. “Bem, deu certo.”

Tive a satisfação de ouvir sua respiração aguda antes de subir as escadas.





6

É isso.

Eu tentei enviar notas três vezes, mas ele não estava respondendo.

Sem nada em casa para me distrair a não ser repassar a redação de Literatura Inglesa que eu já havia completado na sexta-feira depois das aulas, eu tinha todo o tempo do mundo para sentar e me preocupar. Mesmo Nico, que geralmente ficava em casa na casa de barcos nos fins de semana, não estava por perto.

Ele teria seu exame final na sexta-feira, eu percebi. Se ele passasse, e com as táticas de estudo que eu ensinei a ele, eu sabia que ele iria passar, ele seria um Oficial Arcano agora. E eu nem tinha ido parabenizá-lo. Grande amiga que eu era. Infelizmente, o frasco gravado que eu preparei paraa ele ontem como um *‘parabéns de última hora, você passou!’* teria que esperar até que ele voltasse.

Eram quase seis horas, e meus pais e eu tínhamos acabado de terminar um jantar chato de batatas assadas e cozidas, o favorito de minha mãe. Eu assava, não importa o quão caro fosse.

“Alguém sabe onde Nico está?” Perguntei a ninguém em particular, pensando que qualquer um deles poderia tê-lo visto indo ou vindo.





Minha mãe deu de ombros enquanto enchia a pia com água morna. Eu não conseguia entender por que ela insistia em lavar os pratos à mão quando um simples sigilo de limpeza faria tão bem, se não melhor.

“Pai?” Eu instiguei, virando-me para onde ele estava se acomodando com um bourbon acabado de servir. Fiz uma nota mental para reabastecer seu estoque na próxima vez que estivesse no The Cellar. Ele odiava quando eu o deixava sem bebida.

“Acho que ele está se preparando para sua mudança, provavelmente garantindo um lugar. Falei com ele na sexta-feira depois dos exames. Disse-lhe que tinha até segunda-feira para fazer as malas e procurar um novo arranjo.”

Nem uma hora fora da Academia de Oficiais e meu pai já o expulsou. Eu balancei minha cabeça, um som indigno vindo espontaneamente aos meus lábios.

“Algum problema?” Ele me desafiou, parando seu copo a apenas um centímetro de seus lábios finos.

Forcei um sorriso. “De jeito nenhum. Apenas pensei que você daria a ele um pouco mais de tempo, você sabe, considerando tudo o que ele ajudou ao longo dos anos.”

E era verdade. Nico fazia a maior parte do trabalho no quintal. A jardinagem. Ele manteve a casa de barcos em boas condições. Consertando coisas depois de tempestades. Polindo o barco. Qualquer coisa que ele pudesse fazer para se tornar menos oneroso para meus pais.





Eu não sabia exatamente que tipo de fardo ele achava que era, ocupar uma casa de barcos que meu pai costumava guardar seu orgulho na forma de uma embarcação marítima que ele *nunca* usou.

“Ele está aqui há tempo suficiente.” Foi a única resposta do meu pai.

Eu também, pensei, afastando-me rapidamente antes de dizer algo que não poderia retirar.

Eu resolveria isso com Nico mais tarde. Talvez eu pudesse até convencer meu pai a lhe dar alguma margem de manobra. Agora, eu tinha coisas mais importantes em minha mente, como por que no mundo Alistair não estava me respondendo.

Eu esperava que ele não estivesse ferido, mas se ele não estivesse, então que desculpa ele tinha? Ele sempre me respondia, ou pelo menos mandava um bilhete de volta ou aparecia se não tivesse notícias minhas.

Eu só teria que ir e descobrir por mim mesma o que estava acontecendo.



Trinta minutos depois, vestida com a minha saia predileta favorita e o corpete mais justo, comecei a abrir o portal para a casa de Alistair. Seus pais nunca permitiram que ninguém entrasse diretamente no





portal, então nem Al. Em vez disso, eles mantiveram uma proteção ao redor da área diretamente dentro do portão da frente.

Então, foi para lá que eu fiz um portal, como sempre fazia. Corri pelo portal para o campo nublado da Irlanda, onde a casa de sua família, Rosewood Abbey, assomava no caminho de cascalho. Era mais um castelo do que uma casa, apenas sem as torres. Feita de tijolos de pedra forte e um telhado cinza ardósia, sempre achei que parecia meio imponente.

Ominosa.

Fria.

Estremeci contra um calafrio repentino e fiz meu caminho pela longa estrada sob a luz fraca da lua através de uma nuvem fina. As janelas brilhavam em tons de amarelo e laranja. Eu esperava que um fogo queimasse em algum lugar lá dentro. Eu só tinha ido à casa de Al algumas vezes, e nunca por muito tempo. Ele sempre preferiu que saíssemos em outro lugar, The Cellar, a casa de férias de seus pais na Espanha, ou minha casa. Mas raramente aqui.

Olhando para a pedra escura enquanto eu me aproximava da enorme porta da frente, eu estava grata. Este lugar me dava arrepios.

Eu estava prestes a bater, mas a porta já estava aberta e, fracamente, eu podia ouvir sussurros de algum lugar lá dentro.

Certamente o mordomo de Al já tinha ido para casa à noite. Devia ser perto das onze da noite agora aqui, se não mais tarde.





Se ele estivesse em casa todo esse tempo, eu o mataria.

“Al.” Eu chamei timidamente, empurrando a porta mais aberta para que eu pudesse entrar.

Nenhuma resposta. Segui os sons sussurrantes para a esquerda passando pela ampla escada que levava aos quartos e virei pelo corredor estreito que levava ao antigo escritório de seu pai, agora dele desde que seus pais morreram.

Havia duas vozes, percebi quando me aproximei. E uma vez que eu estava do lado de fora da porta, percebi exatamente quem era.

Alistair e Dolores.

Um rubor correu pelas minhas costas e floresceu em minhas bochechas. Engoli em seco, sentindo de repente como se estivesse ouvindo algo muito particular. Talvez algo íntimo que eu não deveria estar ouvindo.

Virei-me para voltar por onde vim quando a ouvi dizer isso. Sua voz quebrada, mas alta o suficiente para eu pegar cada palavra. “Você não pode fazer isso comigo. Você não pode me fazer ir.”

Mais do que um pouco intrigada, parei, mordendo o lábio inferior para não fazer barulho. Eu me virei e me inclinei mais perto da porta.

“Não é mais seguro para você aqui, Dolores.” Disse Alistair. “Me desculpe. Eu não queria que isso acontecesse, você tem que acreditar em mim.”





“Eu não me importo se não for seguro!” Ela atirou de volta, claramente perturbada.

“Eu não posso deixar você se machucar. Você *deve* ir. Por favor, você deve...” Ele interrompeu.

Meu estômago revirou com suas palavras. A percepção de que ele realmente a amava me atingiu como um soco no estômago. Eu me dobrei, incapaz de recuperar o fôlego.

Eu estava errada... E doeu.

“Eu nunca vou te perdoar por isso, Al.” Ela retrucou depois de um momento em silêncio. “Eu irei se você realmente acredita que eu tenho que ir, mas se você estiver errado, eu nunca mais voltarei, você me ouviu? Se você me fizer ir, eu vou embora para sempre. Você está bem com isso?”

Para uma coisinha tão pequena, ela certamente tinha uma vontade forte. Nem mesmo eu tinha falado com Alistair assim, a menos que você conte gritar com ele por namorar com *ela*.

Mas acho que agora, com o que quer que Alistair pensasse que poderia ter encontrado sobre a maldição, que eu tinha certeza que era um beco sem saída e, portanto, não representava ameaça, ela não seria mais um problema.

Ele a estava mandando embora, e ela mesma disse isso, ela não voltaria.

Isso era uma vitória, certo?





O pensamento me fez sentir suja. Culpada por pensar em algo assim quando eu podia ouvir a dor óbvia na voz de Alistair também.

Havia amor ali. Nem eu podia negar.

Mas o amor, como tudo neste mundo cruel, desaparecia. Antes que Alistair percebesse, ele a esqueceria. Ele iria curar.

Tudo voltaria ao normal.

“Peço desculpas, senhorita, mas é muito rude escutar.”

Eu me virei com um grito agudo para encontrar o mordomo de Alistair parado ali no corredor com as mãos cruzadas atrás das costas. O cavalheiro mais velho tinha uma expressão que falava de desânimo, embora eu pudesse dizer que ele estava se esforçando para manter o profissionalismo e a indiferença. O monóculo em seu olho direito captou a luz de uma das arandelas da parede, e seu bigode estremeceu quando não consegui responder, ainda atordoada demais para falar.

“M-me desculpe.” Eu gaguejei. “Eu não queria...”

“Diana?” Ouvi o tom acusatório de dentro do escritório e me encolhi. Claro, eles teriam ouvido a comoção.

Lancei um olhar cortante para o mordomo de Alistair, me perguntando o que diabos ele estava fazendo aqui a essa hora, mas o homem baixo e mais velho apenas me deu um pequeno encolher de ombros





e um sorriso tortuoso antes de voltar para o caminho que ele veio.

Preparando-me, olhei para o escritório para encontrar Alistair e Dolores parados com os braços separados no centro da sala enorme.

Havia lágrimas nos olhos de Dolores, e Alistair parecia assassino do jeito que estava parado, curvado, fervendo de raiva. Respirações entrando e saindo entre seus dentes.

“Vá embora.” Ele rosnou para mim, e minha respiração ficou presa. Um buraco se formou em meu estômago e meu coração dolorido despencou. *Que?*

“Adeus Alistair.” Foi Dolores quem falou. Ela colocou uma mão delicada suavemente contra o peito dele por um breve segundo antes de desviar o olhar dele e passar por mim.

Nem Alistair nem eu falamos até que ele ouviu a batida retumbante de sua porta da frente quando ela saiu pela última vez.

Parecia tão apressada. Ele nem se despediu dela. Ela realmente iria embora assim? Afastou-se no meio da conversa para nunca mais voltar. Talvez ela não se importasse com ele tanto quanto eu pensava.

“Al...” Eu comecei, minha voz trêmula. “Eu sinto muito. A porta estava aberta e eu estava preocupada e...”

Ele cerrou os punhos com força ao lado do corpo e inclinou a cabeça. Eu pensei que ele iria chorar e só de vê-lo tão chateado fez com que lágrimas brotassem





em meus próprios olhos. Eu queria ir até ele. Para confortá-lo. Mas ele me pediu para ir embora, e eu não sabia o que fazer.

“*Preocupada?*” Ele rosnou. “Você ficou *preocupada* quando contou a um Oficial Arcano sobre Dolores? Com quem *exatamente* você estava preocupada, Dee? Por favor, me diga, porque estou tendo dificuldade em entender o que eu fiz para fazer você querer me machucar dessa maneira.”

Não. O que ele estava falando? Eu nunca...

Eu engasguei por dentro, minha pele congelando enquanto eu me lembrava. Eu *tinha* contado a um Oficial Arcano, ou, pelo menos, eu tinha contado a um Oficial Arcano em treinamento. Nico.

Mas ele não iria...

“Isso mesmo!” Alistair gritou, chegando mais perto de mim, parecendo que desejava poder me machucar do jeito que eu o machuquei. “Isto é culpa sua!”

Ele estava vibrando com o esforço de manter-se sob controle e eu queria morrer ao vê-lo assim.

Na imagem gritante do que eu tinha feito.

Um silvo me fez cambalear para trás quando seu familiar caminhou para o seu lado da porta. O wolverine olhou para mim sem ver com olhos pretos perolados, sua pelagem de óleo eriçada enquanto rosnava e assobiava.

Ele nunca agiu assim comigo. Eu sabia, porém, que a menos que Alistair ordenasse, o animal nunca





me atacaria. Isso não me impediu, no entanto, de dar mais alguns passos para trás.

A culpa pesava sobre meus ombros, se instalando na medula dos meus ossos como chumbo. Bile subiu na minha garganta.

Isso não podia estar acontecendo.

“Eu não sabia...”

“Pare.”

“Eu não queria...”

“Pare!” Ele gritou, me pegando pelos braços. Seu aperto era forte, quase doloroso. “Você não tem ideia do que fez!” Ele gritou na minha cara, cada palavra me mordendo como se tivesse presas. “A escolha que eu tive que fazer!”

Ele procurou meus olhos, implorando como se eu pudesse de alguma forma consertar isso. Como se eu tivesse o poder de fazer tudo melhor.

Eu não tinha palavras. Elas não sairiam mais. Eu só podia olhar com horror para o homem que eu amava. A única pessoa neste mundo que eu nunca gostaria de machucar.

A que eu mais machuquei.

“Está feito agora.” Disse ele, finalmente quebrando. Ele caiu de joelhos, me soltando.

Eu não podia mais ficar aqui. Eu não podia assistir isso. E ele não me queria mais aqui. Ele





provavelmente não iria querer me ver novamente. Tudo por causa da minha boca grande e... Nico.

Eu o faria pagar pelo que ele fez conosco.

“Eu vou consertar isso.” Eu sussurrei.

Alistair chorou baixinho, abraçando os joelhos enquanto se balançava contra o piso de madeira polida. Seu familiar se inclinou ao seu lado, cutucando seu bruxo vinculado com seu focinho pequeno, tentando dar a Al sua força e alguma medida de conforto.

Apertando minha mandíbula, eu me virei. Meu coração lutou contra cada passo que eu dei dele. Uma fúria se desenrolou dentro de mim, substituindo a dor e o entorpecimento por um fogo tão quente e tão brilhante que eu sabia que me consumiria.



7

Eu sabia que ele estava lá antes mesmo de eu chegar às velhas escadas de madeira. Suas lâmpadas dentro das janelas estavam acesas, e eu podia ouvir os sons surdos enquanto ele movia as coisas sobre a correnteza da água no rio na extremidade oposta da casa de barcos.

Amanhã já não será bom o suficiente. *Eu quero ele fora agora.*

Eu não podia acreditar que apenas algumas horas antes eu tinha tentado defendê-lo contra meu pai. Eu argumentei que ele estava sendo muito duro com Nico. Não lhe dando crédito onde o crédito era devido. Mas agora ele me traiu e arruinou minha amizade mais querida.

Ele efetivamente roubou de mim a única coisa que eu mais amava neste mundo, e ele seria obrigado a enfrentar o que tinha feito. Para responder por isso.

Eu queria saber por quê.

Subi as escadas de dois em dois, tropeçando na pressa de encontrá-lo. A porta de madeira estava dura e eu tive que bater meu ombro nela para abri-la.

“Diana?” Nico perguntou, virando-se de onde estava enchendo um baú com suas coisas.



Incapaz de manter qualquer senso de compostura ou propriedade, eu resmunguei: “Por quê?”

Sua boca se fechou, e no brilho âmbar da luz da lamparina, seu rosto caiu. Ele nem ia tentar negar. Ele *tinha* feito isso, então.

Até aquele momento, pensei que talvez Alistair estivesse errado. Talvez Nico não tivesse nada a ver com sua separação de Dolores. Mas agora eu podia ver em sua expressão e na maneira como ele segurava uma camiseta puída em seus punhos.

“Eu sou um oficial agora.” Disse ele, sua voz tensa, e quando ele tirou a camisa, eu vi a tinta brilhante de sua marca de oficial na parte interna de seu antebraço. “É meu dever cumprir a lei.”

“A lei.” Eu ri. “A lei?”

Ele olhou para cima e se encolheu de volta ao me ver. Ótimo. Ele deveria recuar. Minha magia surgiu ao meu chamado, correndo para os arcos dos meus pés. Enchendo meu corpo com poder inebriante. Tirando a dor e substituindo-a por força.

“Como você pode?” Eu exigi, avançando para enfiar dois dedos em seu peito nu. “Como você pode fazer aquilo? Você *sabia* o que ele significava para mim, Nic. Você sabia e fez mesmo assim.”

Eu podia vê-lo tentando encontrar uma explicação. Sua mandíbula esculpida estava tão apertada que parecia que ele poderia quebrar um dente. Lá fora, na escuridão crescente, o rio corria e nuvens escuras vinham do leste. Um relâmpago solitário atingiu a terra e meu poder aumentou ainda





mais, dada a força adicional da energia natural da tempestade que se aproximava.

“Não é como se eu o tivesse prendido. Eu só falei com ele, Dee.”

“Não me chame assim.” Eu rebati.

“Eu só falei com ele.” Nico repetiu. “Eu o avisei que se ele não terminasse com sua amiga, eu teria que cumprir meus deveres e denunciá-lo. Eu não tinha que dar a ele a chance de fazer a coisa certa, mas eu fiz. *Por você.*”

Eu balancei minha cabeça. “Por mim?”

“Ele não é bom para você, Diana. Ele não te coloca em primeiro lugar. Ele não vê o quão incrível você é. Ele deveria cuidar de você, mas em vez disso, ele te trata como... Como seu animal de *estimação.*”

Espere, o que ele estava tentando dizer?

Perdi o fôlego quando o amanhecer surgiu sobre meus pensamentos e finalmente vi a luz. “Você não fez isso por causa de um senso de dever como oficial.” Eu acusei, engolindo um gosto ruim na minha boca. “Você *queria* nos separar. Você sabia que ele me culparia. Deus, Nic, você se certificou de que ele soubesse que fui eu quem lhe disse, não foi?”

Quando ele não respondeu imediatamente, minha mão voou para cobrir minha boca, sufocando um soluço doloroso ali.

“Negue.” Eu disse através dos lábios trêmulos.





Ele não respondeu, e a luz batendo em seu rosto me mostrou a umidade brilhando nas bordas vermelhas de seus olhos. Além de Alistair, Nico era meu melhor amigo. Meu único amigo.

A picada do que ele tinha feito me atingiu como mil chicotadas. Seu silêncio pesava sobre mim. Era esmagador. Eu mal conseguia respirar.

“Ele não merecia o seu amor.” Nico disse, vindo em minha direção com as mãos estendidas, palmas para cima em um gesto pacífico. “Sinto muito, Diana. Deixe-me explicar melhor. Eu posso colocar água na chaleira. Nos podemos conversar...”

“Não.” Eu disse definitivamente, o poder dentro de mim subindo a alturas que eu nunca tinha conhecido antes. Se não fosse pela dormência que ainda persiste nas bordas da minha mente, eu poderia ter percebido que precisava temperá-la. Para acalmá-la. Mas eu estava além do ponto de controle.

Nico estendeu a mão para mim, seus olhos angelicais me implorando para entender. Mas tudo que eu vi através da névoa vermelha de minha raiva e fúria bêbada de poder foi um homem que me traiu. Um homem que destruiu para sempre o relacionamento que eu mais amava.

E eu soltei.

Quando sua mão se fechou em volta do meu pulso, o sigilo saltou dos meus dedos quase por vontade própria. Ela floresceu em uma bela e fascinante bola de energia incandescente. Tão quente. Tão reconfortante.





“Não me toque!”

“Diana, por favor.” Ele implorou, imperturbável pelo sigilo de ataque que eu segurava. Ele puxou meu pulso, tentando segurar meu outro braço. “Por favor.” Ele disse novamente, mais frenético desta vez enquanto tentava me subjugar, me puxar para ele.

“Não!”

“Pare com isso, Diana!” Ele gritou. “Venha aqui!”

Ele puxou meu pulso com *força*.

Eu tropecei e o perdi o orbe e o feitiço que ele continha se foram. O sigilo de ataque voou para o peito de Nico e o fez cambalear para trás. O choque em seu rosto foi a última coisa que eu vi antes de suas costas baterem na grade de madeira desgastada da varanda. As tábuas curvaram-se ao seu peso e à força do seu impacto. Quebrando-se para permitir que ele caísse *sobre* as rochas banhadas pela água na margem do rio.

A magia que estava se contorcendo dentro de mim se esvaiu, de volta às tábuas do piso e mais adiante, de volta à terra de onde veio. Deixando-me tremendo, com frio e sozinha quando os primeiros estrondos do trovão sacudiram a casa de barcos.

Em algum lugar do lado de fora, um cavalo relinchou e ouvi o bater de cascos em tábuas de madeira. Shadow... O familiar do Nico.

Saí do estupor um momento depois e percebi o que tinha feito. Eu caí para a frente e vomitei no chão, meus lados arfando e pulmões gritando com a falta de ar.





Agarrei meu caminho até a borda, passando pelos pedaços quebrados de madeira úmida, e olhei para o lado.

Ondas de cume branco passavam apressadas, agitando sujeira e detritos enquanto a tempestade aumentava e o vento virava. “Nico!” Eu gritei, mas minha voz foi engolida pela tempestade.

Estava escuro, mas eu podia ver bem o suficiente para saber que ele não estava lá, e que ele não teria sobrevivido à queda ou à água corrente. Nem mesmo Nico era forte o suficiente para superar a correnteza nessas águas durante uma tempestade como essa. Mesmo em um dia calmo, fui sugada em mais de uma ocasião.

Shadow relinchou um pouco mais, rebelando-se contra o doloroso rompimento do vínculo. À distância, eu podia apenas ver a pequena barraca que Nico havia construído vários verões antes. Para onde Shadow iria agora?

O que eu fiz?

O céu se abriu e a chuva caiu, misturando-se com as lágrimas quentes agora fazendo seus próprios rastros pelo meu rosto.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei ali sentada na chuva e no vento. Observando o céu se iluminar com facas de luz branca. Ouvindo a forma como as nuvens gemeram com o que eu tinha feito. Fiquei ali sentada até sentir o frio e real e verdadeiramente, *fisicamente entorpecida*.





Desejei nunca ter descoberto sobre Dolores. Desejei nunca tê-lo confrontado, que não tivesse contado a Nico. Desejei ter acabado de dizer a Alistair que o amava anos atrás, ou ter percebido como Nico se sentia por mim para poder dizer a ele que nunca me sentiria da mesma maneira.

Eu queria que tantas coisas fossem diferentes. Mas não havia segundas chances, e certamente, nenhuma maneira de voltar no tempo, por mais que eu desejasse que nosso povo ainda tivesse o conhecimento para fazer tal feitiço, nós não tínhamos.

Eventualmente, eu teria que sair desta varanda e enfrentar o resto da minha vida, gostando ou não. Olhei uma última vez para as águas turbulentas do rio abaixo e amaldiçoei a coisa que havia causado tanta dor e coisas horríveis. Sem amor, nada disso teria acontecido?

Eu entendi então, que foram minhas próprias ações que causaram essa cadeia de eventos. Foi minha obsessão em ter Alistair só para mim. Não importava que Nico quisesse mais do que ser meu amigo. Foram todos os pensamentos e esperanças feios que se escondiam nos cantos mais escuros da minha mente. O amor tornava as pessoas perigosas, as fazia fazer coisas estúpidas. Como Nico. Como eu. Como Alistair.

Duas pessoas que se amavam apesar de suas diferenças ainda estariam juntas se não fosse pela minha interferência? Sem amor, alguém que uma vez chamei de amigo estaria morto por minhas próprias mãos?





Era uma pergunta que eu me fazia pelos próximos
cem anos.



8

Janeiro de 2003

Cem anos pode parecer muito tempo, e é, mesmo pelos padrões das bruxas. Mas no dia em que Alistair Hawkins reapareceu no radar da comunidade bruxa após sua ausência de um século, percebi que o tempo significava pouco quando se tratava de como eu me sentia em relação a ele.

Depois de Nico, jurei nunca permitir que o amor nublassem meu julgamento ou envenenasse meus pensamentos novamente. E eu me mantive fiel a isso, na maior parte. Eu havia perdido o interesse em formar relacionamentos românticos significativos e duradouros. Os vôos de paixão carnal eram muito mais divertidos, e descobri depois de vários anos que cobiçava o fato de que não havia amarras em quase nenhum lugar da minha vida.

Eu nunca contei a ninguém o que aconteceu com Nico. Seu corpo nunca foi encontrado, e a madeira quebrada no parapeito falou por si. Ele tinha caído. E isso foi o fim. Todos os outros aceitaram com bastante facilidade.

Levei anos para não me encolher toda vez que ia para casa e tinha que encarar a velha casa de barcos na distância da janela da cozinha dos meus pais.





“Você acha que ele vai conseguir desta vez?” Perguntei a Bethany. Ela era minha aprendiz nos Arquivos Arcanos. Foi ela quem me disse que Alistair havia feito uma petição para adquirir o lugar vago no conselho. Depois de Dolores, ele praticamente desapareceu, se escondendo em casa, vivendo da riqueza de sua família. Eu nunca ouvi falar dele, e eu tinha medo de enfrentá-lo depois do que aconteceu. Era como se ele estivesse morto. Um fantasma que só me atormentava agora em sonhos.

“Ele tem conquistado muito apoio desses radicais, eu ouvi. Aquele grupo... Como eles são chamados?”

“Manifesto?” Eu ofereci; um pouco surpresa.

Bethany assentiu, seus cachos loiros descoloridos balançando com ela. “Esse é o único.”

O Manifesto era uma operação muito clandestina, e poucas pessoas fora do Departamento sequer sabiam de sua existência. Mas quando você trabalhava nos arquivos, não havia muita coisa que você não soubesse. Tínhamos visto nosso quinhão de correspondências, documentos e outros arquivos que continham informações sobre o grupo.

Embora nós realmente não devêssemos olhar para nada além do necessário para completar nossos deveres. Foi chocante que qualquer um de nós conseguiu garantir uma posição no Departamento. Até pouco tempo atrás, era administrado apenas por homens.

“Você parece surpresa.” Acrescentou Bethany, parando em sua restauração de um documento mais





antigo que continha uma receita de poção original de Emeris.

Eu guardei o arquivo em que estava trabalhando de volta na prateleira, pensando. Pelo que eu sabia, o Manifesto visava quebrar a cadeia do governo e instilar um novo líder que nos permitiria sair para os mortais. Era uma bolsa velha.

Todos sabiam que isso nunca seria permitido, não importa quem nos liderasse. Era muito perigoso, e só tivemos que olhar através da história para saber com certeza. Toda vez que os mortais suspeitavam que nossa espécie fosse capaz das coisas que éramos, éramos aclamados como adoradores do diabo e obrigados a pagar o preço por tal heresia com sangue. Se ao menos eles entendessem a verdadeira natureza do nosso poder... Mas os humanos eram idiotas e nunca poderiam entender de verdade.

E se eles não entendessem, eles temeriam. E o medo levava a coisas mais perigosas.

Era o que Alistair queria, porém, quando estava com Dolores. Eu pensei que talvez depois que ela tivesse ido embora, ele deixaria para lá, mas parecia que eu estava errada.

Suspirei. “Só estou surpresa em ouvir sobre ele.” Eu disse de improviso. “Eu não o vejo desde que estávamos na academia juntos.”

“Muito tempo.”

“Sim.”





Bethany se virou para mim, mão no quadril. “Ei, você sabe, você deveria ir vê-lo. Eu sei que você disse que vocês dois tiveram uma briga, mas já faz muito tempo, e eu posso ver que você ainda se importa com o cara.”

Ela estava certa, é claro. Eu sempre me importaria com Alistair. Por mais que eu tentasse ou não, eu ainda pensava nele de vez em quando. Do que poderia ter acontecido se eu não tivesse agido tão tolamente. E *já* fazia muito tempo. Certamente Alistair me perdoaria pelo que fiz. Ele me chamou de família uma vez, embora ainda doesse pensar nisso. Ele disse que eu era como uma irmã para ele.

Talvez pudéssemos estar perto novamente. Talvez eu pudesse ajudá-lo a conseguir o que queria. Não havia muitos candidatos para a vaga. Com algumas palavras bem escolhidas para os membros certos do conselho e aristocratas da comunidade, eu poderia dar a ele o que ele estava procurando.

Pode ser uma oferta de paz.

“Eu gosto... Ainda me importo com ele, isso é verdade. E você está certa, já faz muito tempo.”

“Vá em frente, menina.” Disse Bethany com uma piscadela, voltando para sua tarefa.





Encontrei-me em meu modesto andar de dois quartos desenhando o portal que me levaria à Abadia de Rosewood apenas na noite seguinte.

Se eu esperar mais, vou perder a coragem.

A porta brilhava fracamente contra o papel de parede floral do meu quarto, antes que a parte da parede caísse e eu ficasse de pé do lado de dentro do portão principal. Meu coração pulou uma batida, e eu me maravilhei com a forma como, mesmo depois de todo esse tempo, o mero pensamento de vê-lo novamente poderia enviar meu corpo ao caos.

Minha pele se arrepiou com o frio escaldante. Uma rajada de vento soprou sobre a propriedade, lambendo as folhas de grama cobertas de gelo. Rosewood Abbey estava agachada no topo da entrada, parecendo mais escura e ainda mais ameaçadora do que eu lembrava.

Vá embora, Diana, disse a mim mesma. O pior que ele vai fazer é mandar você embora, e então pelo menos você terá tentado acertar as coisas.

Puxei meu casaco vermelho rubi mais apertado em volta de mim, amaldiçoando minha escolha de colocar os saltos agulha. Manobrar sobre o cascalho provou ser um desafio e me levou um tempo considerável.

Minhas orelhas estavam vermelhas e geladas quando cheguei à porta da frente, e meus dedos estavam brancos de frio. Agora que eu estava aqui, eu não conseguia levantar minha mão para bater. Os músculos das minhas costas ficaram tensos e eu cerrei os dentes contra o medo. Este era Alistair.





Eu o conhecia.

E já se passaram cem anos.

As chances são de que ele ficará animado por me ver. Mais do que disposto a colocar o passado no passado.

Afinal, Dolores era apenas uma namorada. Não era como se eu tivesse desfeito um casamento.

Certo?

Eu levantei a mão e bati na porta, notando como ela havia sido substituída ao longo dos anos. A madeira parecia nova, e a aldrava de ferro no centro havia mudado de uma lâmina curva saindo de uma rosa de ferro para a cabeça de um lobo. Uma aldrava redonda em seus dentes de metal à mostra.

Que peculiar.

Ouvi passos lá dentro e resisti à vontade de correr. Em vez disso, plantei-me firmemente no tapete do lado de fora. Engoli em seco, limpando a garganta, enfiando as mãos nos bolsos.

Ninguém veio atender a porta.

Bati novamente, mas desta vez a porta cedeu ao meu toque. As dobradiças rangeram quando ela se abriu. Não havia ninguém no saguão.

Um repentino aperto no estômago lembrou o que aconteceu da última vez que entrei nesta casa sem ser convidada. Eu não faria isso de novo.





“Olá?” Eu chamei no calor da abadia, notando quantas coisas foram restauradas e atualizadas nos últimos cem anos.

Nesse momento, uma mulher correu pelo vestibulo, com uma mala de aparência pesada na mão direita. Ela se assustou ao me ver na porta e largou a mala, atingindo o piso de mármore com um *baque alto*.

O reconhecimento passou pela minha mente, e vi a mesma coisa registrada em seus olhos também.

“Você...” Ela engasgou, recuperando alguma compostura.

“Dolores?”



9

Sem ser solicitada ou convidada, entrei e a porta se fechou atrás de mim. Era como ver um fantasma. Estudamos uma à outra pelo que pareceu uma eternidade, mas eu tinha certeza de que foram meros momentos. Quando me convenci de que ela era, de fato, real, comecei a processar exatamente o que isso significava.

A última vez que a vi, ela mal tinha vinte anos. E agora ela mal parecia ter trinta. Ela envelheceu ainda menos do que eu... Em mais de cem anos.

Impossível.

“Como?” Eu suspirei, minha mente tentando trabalhar com o que eu estava vendo.

Ela balançou a cabeça, levantando a mala mais uma vez. “O que você está fazendo aqui? Alguém te mandou terminar o que começou? É isso? Porque se for, é melhor você acabar logo com isso, não estou com humor.”

“Dolores, como...”

Ela me parou com um olhar. “Por quê você está aqui?”

Embora minha mente ainda estivesse cambaleando, achei que era uma pergunta justa,



dadas as circunstâncias. “Eu... Bem, eu ouvi que Alistair estava concorrendo a uma cadeira no conselho. Vim ver se podia ajudar...” Expliquei. “Eu trabalho no Departamento, você vê.”

Ela inclinou a cabeça para mim, seus olhos verdes considerando, apertando os olhos em confusão. Como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais ridícula do mundo.

“Ele está em casa?” Eu adicionei.

Sua mandíbula se fechou, e eu vi uma rachadura em seu olhar de pedra. Por trás da máscara de bravura, eu vi a dor. Preocupação.

“Dolores, me desculpe, mas está tudo bem? Eu deveria ir embora?”

Partir era a última coisa que eu queria fazer, mas esta não era a minha casa. O que eu queria era uma explicação. Por que ela estava aqui? Como ela ainda estava viva? E onde no mundo estava Alistair?

Parecendo decidir alguma coisa, ela ergueu o queixo. “Ele mentiu para você.” Ela disse, e então fez uma pausa, respirando fundo. “Aquela noite...”

Ela foi interrompida pelo choro agudo de... De uma *criança* chorando.

Dolores subiu correndo as escadas, murmurando algo em seu rastro.

Uma forma escura correu pelo chão para segui-la pelas escadas. Reconheci o animal imediatamente. Era o familiar de Alistair, embora seus olhos estivessem





leitosos, e estivesse completamente esparso e seco pela idade.

Eu tinha entrado em outra dimensão quando entrei por aquela porta? Eu me senti tão desesperadamente confusa e precisava de respostas. Em um estado nebuloso de descrença, segui Dolores e o animal escada acima. Seguindo os sons da criança.

Cheguei a um quarto no final do corredor e descobri que era um berçário. As paredes e cortinas finas brancas. Um berço de madeira escura na extremidade e uma cômoda logo após a porta. Coisas de pelúcia e pequenos brinquedos de madeira espalhavam-se pelo chão à direita. E no meio da sala estava Dolores e um bebê enrolado em um cobertor rosa pálido em seus braços.

Ela balançou a criança para frente e para trás, segurando uma chupeta suavemente em seus lábios enquanto fazia um som suave de *shhhh* repetidamente até que o bebê ruivo fosse acalmado. Mesmo com as mechas de cabelo tingidas de vermelho e o que parecia ser olhos esverdeados como a mãe, não havia absolutamente nenhuma dúvida de que este era o bebê de Alistair. A inclinação de seu nariz e o formato de seu rosto. Era ele reencarnado. Lindo. *Precioso*.

Eu não tinha percebido que estava cobrindo minha boca com a mão até que fui falar, meus olhos úmidos com a realidade do que vi. Do que significava.

Ele mentiu para você, dissera Dolores.

E naquele instante, ficou claro e doloroso para mim o que exatamente ela queria dizer.





Ela nunca tinha ido. Alistair só *me* fez acreditar que ela estava indo embora. Ele sabia que eu confrontaria Nico, e que Nico acreditaria em mim quando eu dissesse que ela tinha ido porque eu também acreditei.

Alistair nunca perdeu Dolores. Ele apenas me trocou por ela.

Às vezes eu odiava a rapidez com que eu podia ver através de um problema. Amaldiçoei meu próprio nível de inteligência. Muitas vezes desejei ser insípida e indiferente como tantas outras mulheres que conheci.

Fiquei surpresa por não ter percebido antes. Eu sabia que algo sobre o argumento deles parecia... *Estranho*, mas eu dei de ombros.

Ela estivera morando com ele nesta casa todo esse tempo em segredo.

Mas eu poderia culpá-lo por me cortar? Desde que foi por minha própria culpa que o relacionamento deles foi prejudicado em primeiro lugar.

Percebendo que eu estava ali, Dolores diminuiu a velocidade de seu balanço, um pedido de desculpas em seu olhar. Cautelosamente, ela colocou o bebê de volta no berço, e saiu andando na ponta dos pés pela porta e entrou no corredor comigo. O wolverine se aconchegou perto do berço, deitando protetoramente na frente dele.

“Você tem um bebê.” Eu disse, mais para mim do que para ela.





Surpreendendo-me, Dolores colocou uma mão delicada no meu braço, e eu encontrei seu olhar firme, encontrando algo enterrado lá. “Você ainda sente por Alistair como antes?”

Eu recuei com suas palavras. Chocada com sua ousadia. Imaginando por que ela perguntaria uma coisa dessas.

“Eu...”

“Se você sentir. Se você se importa com ele, então eu preciso de sua ajuda.”

Eu vi naquele momento. A emoção que eu não conseguia identificar antes, aquela que ela estava tentando esconder, era pânico. Bruto e desmarcado. Isso fez suas mãos tremerem em seus lados e seu queixo estremecer.

Estreitando meus olhos, eu olhei para ela e de volta para onde o bebê estava cochilando pacificamente em seu berço, lembrando da mala que ela estava carregando quando eu entrei. Ela estava indo embora?

“O que foi? O que aconteceu?”

Um tremor de preocupação correu pelas minhas costas. *Alistair.*

Eu sabia antes que ela dissesse uma única palavra. Ele estava ferido? Em algum tipo de problema? Alguém tinha descoberto sobre eles? As relações bruxos-mortais ainda eram desaprovadas mesmo depois de todos esses anos. Brincadeiras ilícitas com eles eram permitidas. Mas isso, o que





Alistair estava fazendo com Dolores, ainda era ilegal. Ela não deveria saber sobre nós. E o conselho certamente não gostaria do fato de que ele permitiu que nossas linhagens puras de alquimistas se misturassem com sua espécie.

Mas, espere... Sua espécie? Os humanos viviam *metade* do tempo que as bruxas. E eu não sabia, alquimicamente falando, que Alistair poderia prolongar sua vida. Pelo menos não sem usar magia de sangue, e era a mais proibida de todas.

Ela me puxou pelo corredor, longe do berçário, e olhou para o quartinho branco e de volta para mim. “Ele... Ele me mandou um sussurro. Alistair... Ele me disse para pegar Harper e ir embora. E não voltar a menos que ele viesse me buscar.”

Um sussurro? Isso era impossível, essa magia foi perdida há milênios com o Codex. Como ele tinha conseguido? Em todos os anos desde Emeris, nenhum Alquimista conseguiu recriar aquele pedaço original de magia.

Eu sacudi minha cabeça, isso não era o que era importante agora.

“Por que-”

“Eu não sei!” Ela disse, sua voz aumentando antes que ela pudesse se controlar. “Eu não sei.” Ela repetiu mais calmamente. “Ele disse que tinha que fazer alguma coisa, e que havia pessoas, bruxos e bruxas de alto escalão que queriam detê-lo. Eu acho...” Ela fez uma pausa, e eu sabia que ela estava tendo dificuldade em pronunciar as palavras. “Eu acho que ele está em perigo. Acho que é alguém de quem ele tem medo, acho





que eles pretendem matá-lo, e provavelmente é tudo culpa minha.”

Ela enterrou a cabeça em suas mãos delicadas e chorou, seu corpo destroçando com cada soluço forte. Minha respiração ficou presa na garganta. Eu não a confortaria. E eu não poderia dizer a ela que o que quer que estivesse acontecendo com Alistair não era culpa dela, porque pelo mais o que ele estaria em apuros? Mas desta vez eu não ficaria de fora. Ele precisava de mim, e eu pretendia estar lá para ele.

“Você deveria fazer o que ele disse.” Eu disse a ela ocamente, pensando comigo mesma que se ele morresse por isso, essa *mulher* na minha frente, seria um desperdício absoluto. Alistair era um dos bruxos mais fortes da nossa geração. Embora tivesse sido anos e anos, eu sabia que ele nunca teria perdido sua língua afiada, seu raciocínio rápido ou sua esperteza. As chances são de que ele nem precisaria da minha ajuda, mas ele a teria agora, gostando ou não.

E talvez se eu o perdoasse por suas mentiras, por me cortar, ele também me perdoaria.

Dolores olhou para mim por baixo dos cílios molhados, horrorizada com minha sugestão. “Você quer que eu o abandone?”

“Não.” Eu respondi, mais severamente do que eu pretendia. “Você pediu minha ajuda. Eu gostaria que você o ouvisse e fizesse o que ele pediu a você, para a segurança de seu bebê, e para *me deixar* encontrá-lo. Vou trazê-lo para casa.” Eu disse. “Mas primeiro, eu vou levá-la para longe daqui.”





Ela me olhou incrédula por um único momento carregado antes de falar. “Você ainda o ama, mesmo depois de todos esses anos?”

Eu não respondi.

“Você precisa ir.” Eu disse a ela. “Pegue seu bebê e vá. Se você não tiver notícias dele diretamente...” Fiz uma pausa, incapaz de entender o pensamento. Eu tinha que pensar em todos os cenários, porém, e a verdade é que eu não tinha absolutamente nenhuma ideia em que Alistair poderia ter se metido. “Não volte.”



10

O bebê mal se mexeu quando Dolores terminou de encher uma pequena mala com as necessidades mais básicas e várias pilhas enormes de notas de cem dólares americanos e a pegou para sair.

“Você tem um lugar para ir?” Eu perguntei a ela, me preparando para abrir um portal de dentro da casa de Alistair. Eu gostava de pensar que, dadas as circunstâncias, ele ficaria bem comigo quebrando as regras apenas desta vez.

Dolores mordeu o lábio inferior, considerando enquanto embalava o bebê mais perto de seu peito. “Sim... Bem, talvez. Você pode me levar para a Geórgia?”

Eu quebrei meu cérebro, tentando pensar em uma zona de portal seguro que eu poderia usar lá. O Departamento ocasionalmente nos enviava para recuperar documentos e outros arquivos em todo o mundo. Nos noventa anos em que trabalhei no Departamento, pensei que tinha estado em quase todos os lugares.

“Conheço um lugar lá que posso conseguir para você, mas é um lugar destinado a bruxas, e fica muito longe da Geórgia. Um ponto de encontro. Quase com certeza estará desocupado, acho que não é muito usado, mas você terá que sair da área imediatamente,



antes de ser vista... E é uma longa caminhada até o abrigo mais próximo.

Ela assentiu uma vez, concisa.

“Tudo bem.” Eu desenhei o sigilo e a porta na parede, soltando um suspiro de alívio quando vi que a pequena clareira na borda nordeste da floresta estava livre de outras bruxas. Estava frio, no entanto. E o vento estava cortando. O chão coberto por uma espessa camada de gelo e neve. O bebê...

“Espere.” Eu disse, me movendo para parar Dolores. Pronta para correr para um cobertor extra para manter a pequena Harper aquecida quando me afastei, ofegante quando minha pele fez contato com a dela. No cardigã fino que ela usava, Dolores estava de alguma forma quente. E mesmo quando o frio e o vento varreram a entrada de Alistair do portal, o bebê que ela segurava estava quente e confortável. Ela nem se mexeu.

O carcaju de Alistair saiu mancando no frio ao lado dela, mantendo-se firme em suas pernas. Ele a protegeria no lugar de Alistair. Pelo menos até o último suspiro de Alistair, pois era sua magia e sua própria força vital que permitiram à criatura viver tanto tempo.

Dolores se virou para me dar um sorriso triste antes de se afastar.

“O que você fará?” Eu perguntei a ela, minha voz tão baixa que quase se perdeu no uivo do vento.

Mas Dolores apenas baixou a cabeça, sussurrando palavras doces para a criança em seus braços. Quando ela levantou a cabeça novamente, seus





olhos estavam molhados de lágrimas, e ela estava olhando além de mim, para a casa que estava deixando para trás.

“Obrigada.” Foi tudo o que ela disse, e em sua voz eu ouvi a dúvida inconfundível de que ela me veria novamente. Que ela voltaria para o lugar que ela chamara de lar desde 1872.



Não perdi tempo depois que o portal se fechou, balançando a cabeça para limpá-la da estranha sensação de afundamento que me corroeu ali. Eu empurrei meus ombros para trás e entrei no escritório de Alistair.

“Onde você está?” Eu sussurrei, principalmente para mim mesma. “Onde você está?”

Girei em um círculo, notando todas as coisas que haviam mudado no espaço desde a última vez que estive aqui, e todas as coisas que permaneceram as mesmas.

Eu nunca encontraria o que eu precisava rápido o suficiente dessa maneira.

Respirando fundo, fechei os olhos no centro do chão, concentrando-me. Eu levantei minhas mãos e imaginei os objetos que eu precisava para fazer o feitiço localizador, e pronunciei o encantamento com força. *“Desiderio revelare.”*





Quando abri os olhos, um velho mapa caiu de uma prateleira alta à minha direita e flutuou até mim, e um pêndulo de cristal disparou do topo de sua mesa como um chicote, fazendo-me pegá-lo no ar.

Desenrolando o mapa, coloquei-o no chão de madeira e me ajoelhei diante dele, posicionando o pêndulo de cristal por cima com a mão esquerda. Enviei um apelo silencioso aos céus para que isso fosse suficiente para encontrá-lo. Havia poucas razões para um feitiço de localização não funcionar, sendo a mais comum que o bruxo que você estava procurando estivesse morto. Esse tipo de magia só funcionava para encontrar sujeitos vivos, aqueles que ainda tinham uma conexão com a magia da terra.

Eu respirei pela boca, me preparando para o pior. Minha mão direita tremeu quando a levantei sobre o mapa, desenhando o sigilo que me ajudaria a encontrá-lo sobre o pergaminho. "*Invenium.*" Eu sussurrei, sentindo a energia bruta passar pelo chão e entrar em mim, me usando como um condutor divino. Ela pulsava através do sigilo e vociferava através da minha voz. E então ela se foi, direcionada para o pêndulo de cristal de ponta afiada agora arrancado da minha mão para fazer um buraco do tamanho de um alfinete no papel.

Afastando-o do caminho, minhas sobrancelhas franziram onde ele pousou. Eu conhecia o lugar. Eu frequentei o The Cellar por anos depois do que aconteceu com Nico. Afogando minhas mágoas com o Psy e líquido azul. E depois, já adulta, comecei a frequentar o bar principal, o Sigilante.





A sala do andar de cima onde a música jazz tocava. Não era tão abafada quanto eu pensava que seria, ou quase tão prestigiosa. Era simplesmente um salão de bruxas para adultos. Embora eu fosse geralmente uma das raras bruxas presentes. Eles abriram exceções, porém, por causa de minha filiação e trabalho no Departamento.

O que Alistair poderia estar fazendo ali?

Corri para abrir o portal, a imagem do beco fácil de conjurar, eu estivera lá apenas algumas semanas atrás.

Quando entrei, a luz do sol que se punha sobre a cidade atingiu meus olhos, e não pela primeira vez eu amaldiçoei a desorientação da diferença de horário ao usar tanto os portais. O pôr do sol estava ofuscante, tingido com aquele laranja avermelhado queimado que eu estava convencida de que só acontecia com o sol em Nova Orleans.

O portal se fechou atrás de mim e eu fiz meu caminho sobre os conhecidos paralelepípedos, passando por transeuntes na rua, e então, quando a costa estava limpa, entrei no prédio em ruínas que tinha sido um refúgio de liberdade para as bruxas por tanto tempo quanto qualquer um poderia lembrar.

A realidade do que está dentro foi revelada para mim assim que passei pelo limiar. O piso de mármore brilhava aos meus pés, e a escada curva que levava parecia recém-polida. Não havia mudado muito desde a última vez que estive aqui com Alistair, exceto pelo encanamento. Ainda não havia necessidade de eletricidade, já que a luz de bruxa era usada para





iluminar o espaço. E eles mantiveram a mesma aparência.

A porta que descia para a Adega ainda estava vermelha, embora eles tivessem mudado a tonalidade para uma cor mais próxima do carmesim profundo das pétalas de rosa pouco antes de estarem prontas para cair. O novo papel de parede era brega, no entanto.

Mas eu não conseguia ver Alistair, pelo menos não na entrada. A julgar pelo mapa, ele tinha que estar aqui. Não havia nenhum outro lugar que ele pudesse ir em Nova Orleans, havia?

A veracidade do que eu estava fazendo me atingiu, e meus braços avançaram para me envolver. Era um hábito que eu ainda tinha que quebrar. O recuo em mim mesma.

Percebi o que estava fazendo e forcei minha coluna ereta, empurrei meus ombros para trás.

Eu ia vê-lo. Depois de todos esses anos. Ele ficaria feliz em me ver? Feliz que eu vim em seu auxílio?

Era tarde demais para pensar nisso agora.

Uma imagem de Dolores, seus olhos molhados de lágrimas enquanto ela segurava o bebê em seus braços, pronta para fazer seu caminho sobre uma paisagem de gelo para fazer o que Alistair pediu a ela, para manter seu bebê seguro... Eu poderia fazer isso.

Eu poderia enfrentá-lo novamente se isso significasse preservar a vida de algo tão precioso, mesmo que a criança não fosse minha.



Eu apertei minhas mãos ao meu lado, usando a mordida de minhas unhas na pele macia das minhas palmas para me manter focada.

Encontre Alistair.



Eu tinha passado por todo o prédio; Eu tinha certeza disso. Ele não estava em lugar nenhum, parecia, e quanto mais eu procurava e não encontrava, mais e mais frenética eu ficava. Eu precisava fazer o feitiço localizador novamente. Certificar-me de que ele não foi embora. Ele já pode estar em casa, mandando um sussurro para Dolores para dizer que está seguro e para voltar para casa.

Sim, provavelmente era isso.

Ele estava em casa, seguro, e tudo tinha sido um mal-entendido. Ele não precisava da minha ajuda, afinal.

Eu simplesmente voltaria para a Abadia e os verificaria. Certificar-me de que ele, Dolores e a criança voltem bem, e então eu desapareceria de sua vida novamente, se for isso o que ele quisesse.

“Há muito tempo sem ver.” Disse uma voz suave de algum lugar atrás de mim. Eu estava quase de volta à rua, mas me virei, reconhecendo o leve sotaque.

“Psy?”



Fazia séculos que eu não ia ao The Cellar e presumi que ele tinha desistido ou, não sei, talvez morrido. Mas lá estava ele, parecendo jovem como sempre, mais jovem do que eu, embora tivesse uns sólidos cinquenta anos à minha frente. Ele deve ter notado meus olhos arregalados porque ele inclinou a cabeça e disse: “Não me diga que você não me reconheceu.”

“Não, eu... Hum, eu reconheci. Estou apenas surpresa de vê-lo aqui.”

“Eles não conseguem se livrar de mim.”

Eu ri, embora o som fosse tenso. “Bem, é bom ver você.”

Comecei a voltar para a porta, precisando voltar para a abadia para ver se ele havia retornado e fazer outro plano se não tivesse.

Foi então que notei o caixote de líquido azul brilhante que ele carregava e que ele estava indo para o Porão. Eu me perguntei se...

“Você se lembra do homem com quem eu costumava vir aqui, foi há muito tempo. Seu nome era Alistair. Você... Quero dizer... Você já o viu aqui?”

Psy franziu os lábios. “Eu o conheço. Mas não, ele não vem muito aqui. A última vez que o vi além de agora, foi há mais de um ano.”

Um ano? Então talvez ele não tivesse vindo aqui.

Espere...

“O que você disse?”





“Eu disse que ele não costuma vir aqui...”

“Não.” Eu rebati. “Você disse... Você disse que tinha acabado de vê-lo?”

Psy franziu as sobrancelhas finas para mim e deu um olhar um pouco preocupado com a minha reação. Ele deu um passo para trás em direção à porta vermelho-sangue. “Sim.” Disse ele com um encolher de ombros. “Eu não acho que ele entrou, mas tenho certeza que acabei de vê-lo lá fora.” Ele projetou o queixo para a esquerda. “Pode ter acabado de sair.”

Eu não me incomodei em responder a Psy, em vez disso, deixando-o com uma expressão confusa em seu rosto sem idade enquanto ele descia as escadas e eu saí correndo para a noite amena.

Olhei para os dois lados, mas não vi ninguém, exceto alguns mortais andando pela rua. *Onde está você?*

Assim que a rua ficou livre dos poucos carros que passavam, lancei-me para o outro lado e enfiei a cabeça no beco, encontrando-o vazio. Ele não poderia ter saído tão rápido. Não se Psy o tivesse visto um momento antes. Certo?

Eu gemi. Eu daria uma olhada rápida ao redor e, se não o encontrasse, voltaria. Se ele tiver ido, isso significaria que ele estava em casa e seguro, de qualquer maneira, então não havia pressa real. A menos que quem supostamente estava atrás dele descobrisse onde ele morava tão rápido. Embora eu imaginasse que a Abadia de Rosewood fosse um endereço bruxo bastante conhecido, já que estava em





sua família desde que o primeiro dos Alquimistas pôs os pés em terra mortal.

“Alistair?” Chamei na rua, ouvindo atentamente por uma resposta.

Saí para a estrada e tentei espiar um sedã preto estacionado do outro lado do caminho. Era possível que ele pudesse ter um veículo aqui se viajasse para esta cidade com frequência.

A buzina de um carro quebrou meu foco, e me virei a tempo de ver as luzes chocantes enquanto o motorista tentava frear sem me bater. Eu gritei, pulando para trás para pousar no meu cóccix contra o cimento implacável da calçada.

O motorista buzinou novamente, gritando algo da janela de seu táxi enquanto acelerava, deixando-me ofegante e com o coração acelerado. Seus faróis saltaram para cima quando ele foi rápido demais em uma lombada e eu peguei o brilho mais fraco de uma barreira de proteção logo após a próxima esquina.

Imperceptível aos olhos mortais, e quase impossível de ver mesmo sendo uma bruxa, era uma barreira mágica de outra bruxa. A menos que a iluminação e o ângulo estivessem certos, e a magia em suas veias fosse forte ou recentemente ativa.

Parecia que eu tinha tido sorte. Apenas uma bruxa muito forte poderia colocar uma proteção tão forte e tão *grande*. O que significava que tinha que ser Alistair.

A barreira cobria uma ampla área circular de pelo menos cinquenta metros de diâmetro. Sobre partes de





edifícios, mas principalmente a rede interconectada de vielas estreitas e passagens atrás e entre elas.

Com cuidado, desta vez, fui para o beco mais próximo do outro lado da estrada, ignorando a sensação de formigamento subindo pelo meu pescoço enquanto passava pela fina película de magia protetora. Não tenho certeza do que esperava, mas ele não estava lá quando entrei, nem pude ouvi-lo.

Uma rajada de vento passou pelo beco e eu apertei minhas mãos em volta de mim, tentando apagar o frio. “Onde você está?” Eu sussurrei, principalmente para mim mesma, não querendo levantar minha voz muito alto.

A atmosfera pinicava com energia selvagem, mais do que apenas da barreira. Alistair estava aqui, tudo bem. Eu só tinha que encontrá-lo.

Eu me agarrei às paredes pintadas com spray, na ponta dos pés, passando por cima de pequenos e ao redor de montes de lixo e outros detritos. Por todas as vezes que imaginei meu reencontro com Alistair, não era assim que eu imaginava. Neste lugar escuro e úmido, entre a sujeira e os roedores.

Mordi de volta um guincho quando um disparou para saltar sobre minha bota esquerda. Por que ele não pode ter se escondido em um spa norueguês?

Ou, *qualquer* outro lugar serviria.

Puxando minha jaqueta mais apertada em torno de mim, eu me movi mais rápido, ansiosa agora para encontrá-lo e acabar com toda essa bagunça. Se não fosse pelo fato de que ele poderia estar em perigo, eu





desejaria nunca ter saído de casa. Agora mesmo eu estaria sentada junto à lareira com meu copo de vinho tinto noturno e um bom livro. Ou dormindo.

Como estava agora, eu não podia imaginar adormecer. Qualquer pedaço de exaustão que eu senti evaporou no momento em que reconheci os olhos verdes de Dolores.

Meus dentes cerraram, e eu quase tropecei em um pedaço solto de asfalto, xingando quando meu tornozelo rolou dolorosamente na minha bota de couro de salto alto. Foi quando os ouvi.

Duas vozes. Baixas. Eu apertei meus lábios fechados e desacelerei minha respiração. Tentando não fazer barulho.

Eles estavam perto. Eu me movi como um gato, ao mesmo tempo mais alerta, o mundo ao meu redor entrando em foco. Meus movimentos, embora lentos, foram deliberados, enquanto eu manobrava mais para baixo no coração da matriz de becos. À medida que as vozes aumentavam de volume, descobri que reconhecia o tom profundo de barítono de Alistair. Mesmo com a passagem de cem anos, eu conhecia aquela voz.

A outra era mais difícil de definir. Rude. Monótona. Resignada.

Eles estavam discutindo, isso estava claro. Embora eles não gritassem. Suas palavras eram sussurros ásperos e altos, como se tivessem medo de que alguém pudesse ouvi-los, mesmo com a proteção no lugar.





“Você vai me ajudar?” Ouvi Alistair perguntar ao outro homem enquanto corria rapidamente para onde o beco se bifurcava à frente. A menos que o eco estivesse me atrapalhando, eles estavam à direita.

“Atticus?”

Atticus? Certamente Alistair não estava neste lugar úmido e horrível com Atticus Sterling. Ele era nosso antigo professor de estudos de línguas antigas na Academia. Ele ainda estava lá da última vez que ouvi, ainda no mesmo posto. Embora houvesse rumores de que ele seria aquele que seria nomeado o novo assento vazio do conselho e assumiria o lugar de Kellerman como o novo diretor da academia no outono, se ele jogasse suas cartas corretamente.

“Você realmente fez uma bagunça, Alistair.”

Espiei pela beirada do muro a tempo de vê-los, a trinta metros de distância, parados em outro cruzamento de becos. Um holofote na parte de trás de um prédio de apartamentos logo atrás deles iluminou suas figuras o suficiente para que eu pudesse ver seus movimentos, mas não o suficiente para distinguir suas expressões.

Saí de trás da parede.

Atticus ergueu a mão, palma para cima.

Meu coração parou.

A coluna de Alistair ficou rígida.





O sigilo floresceu sobre a mão aberta de Sterling, uma fórmula complexa de linhas e ângulos. Símbolos rúnicos antigos e luz do fogo brilhante e pulsante.

Abri a boca para avisá-lo, mas Sterling foi mais rápido.

Alistair ergueu as mãos em defesa, e ouvi seu suspiro no exato momento em que Sterling lançou o feitiço, rugindo o encantamento com uma força que eu não sabia que ele possuía.

“Aetermun Immotus!”

Eu congelei, observando com horror quando o feitiço penetrou em Alistair, o observei cair antes que eu pudesse me libertar do choque que me enraizou no chão.

Meu peito doía com a necessidade de gritar. Chorar. Mas eu não fiz nenhuma dessas coisas. Dei um passo para trás nas sombras, minhas mãos com nós dos dedos brancos arranhando meu peito, minha garganta em fúria e dor silenciosas. Tentando respirar.

Por que eu não conseguia respirar?

Manchas pretas enchiam minha visão, intercaladas com manchas laranja e brancas.

Ele *queimou*.

Era como tentar forçar o ar por um buraco do tamanho de uma cabeça de alfinete. Meus pulmões protestaram em agonia ardente, e meus olhos lacrimejaram de dor. Eu afundei contra a parede, não me importando que o tijolo áspero estivesse puxando





as fibras caras da minha jaqueta, ou que minhas botas estivessem sendo arrastadas contra o chão duro, os saltos ficando sujos.

Finalmente, depois do que pareceu muito tempo, uma respiração completa veio, e um soluço saiu dos meus lábios. Eu chamei minha magia e ela surgiu em mim com uma força diferente de qualquer outra que eu já conheci. Encheu minha cabeça com o *zumbido inebriante* de poder que fez meus pensamentos erráticos e minhas pernas instáveis. Mas isso não importava.

Eu ia matá-lo.

Usando a parede como apoio, eu me levantei e virei a esquina mais uma vez, não me preocupando mais em tentar cobrir meus soluços ou o som dos meus saltos ecoando no chão. Arfando, sigilos acenderam em minhas palmas. O pior tipo. O tipo que muitas bruxas não conheciam. Causavam dor. Tormento. E então, quando eu terminasse com Atticus Sterling, eu usaria o mesmo feitiço que ele usou para matar meu Alistair.

Havia apenas dois feitiços fortes o suficiente para matar em contato. Um foi perdido com o Códice Alquímico no mar. E o outro, *aeternum immotus*, era ilegal. Apenas para ser usado por ordem do Conselho Arcano.

Mas desta vez, eu faria uma exceção. Eu quebraria as regras por ele.

Entrei no campo de visão e lancei o feitiço atordoante nele, pronta em um segundo para lançar o outro, o encantamento já na ponta da minha língua. Mas o feitiço de ataque atingiu o tijolo, não o homem.





Uma parte da parede do tamanho de uma minivan explodiu no espaço. E eu pensei ter ouvido alguém na rua gritar com os sons de explosão ricocheteando no escuro.

A barreira mágica havia sido retirada. E Atticus Sterling se foi.



11

Em meio aos escombros ele jazia, imóvel e pálido.

Mas não morto...

Embora o movimento fosse tão diminuto que talvez não o tivesse notado se não estivesse olhando, vi o leve, quebrado e trabalhoso subir e descer de seu peito. E se isso não bastasse, seus olhos piscaram, e então ele tentou se virar, alertado para o som vindo de mim correndo para o seu lado.

Caí de joelhos no concreto ao lado dele, minhas mãos coçando para tocá-lo, mas não querendo lhe causar dor.

Fazia tanto tempo, mas eu teria conhecido aqueles olhos castanhos ricos em qualquer lugar. Seu cabelo escuro ainda era mais longo do que a maioria dos homens usava, e ainda uma deliciosa cor escura quase preta, embora agora estivesse salpicada com pedaços de prata e cinza.

“Al?”

A surpresa em seus olhos era inconfundível. Ele abriu a boca para tentar falar, mas seu corpo convulsionou com o pequeno esforço.

“Não, não. Não tente falar.”

Eu coloquei a mão em seu peito, piscando para limpar as lágrimas enquanto elas brotavam. Meu peito



parecia quase estourar, mas eu não iria quebrar, ainda não. Eu não gostaria que meu rosto frenético fosse a última coisa que ele visse.

O feitiço de cura se materializou sobre minha mão e eu pressionei o orbe rúnico dourado em seu peito, onde pequenas gotas de sangue escorriam por sua camisa e colete abotoado. Isso não o salvaria, não havia como se curar de aeternum immotus.

Mas o sigilo de cura fez seu trabalho, apenas para permitir-lhe um alívio momentâneo. Verdadeiramente, era um milagre que o feitiço já não o tivesse matado.

Alistair engasgou quando o poder do meu feitiço passou por ele, correndo para amarrar os pedaços quebrados dele mais rápido do que eles estavam sendo cortados. Não duraria muito. “Diana...” Ele respirou, e o som do meu nome em seus lábios fez minha garganta queimar. Sua voz envolveu meu coração, apertando dolorosamente.

Olhando em seus olhos, descobri que o tempo não tinha significado. Eu faria qualquer coisa por este homem. Mesmo depois das mentiras que ele me contou. Mesmo depois que ele escolheu Dolores em vez de mim.

Nada disso importava.

Eu rasgaria o mundo em pedaços em seu nome. Eu faria o homem que fez isso pagar por tirar Alistair de sua terra.

“Estou aqui.” Eu sussurrei, afastando o cabelo de seu rosto com dedos frios, admirando a forma como a idade enrugou sua testa, mas da maneira mais bonita.





Ele estendeu a mão e colocou a mão em cima da minha em seu peito, tentando apertar. “É... É verdade...” Ele gaguejou, sua voz áspera. Uma gota de sangue escorreu por seu queixo. “A maldição... *Pode* ser q-quebrada.”

Ele tossiu violentamente, embora seu corpo não tivesse forças para dobrar, para tossir o sangue que brotava no fundo de sua garganta.

“Não fale.” Eu disse, puxando sua cabeça no meu colo para tentar ajudá-lo a respirar. Despreocupada quando as gotas vermelhas caíram para cobrir minhas pernas.

Sua mão apertou a minha, quase dolorosamente. “Ouça.” Ele gemeu, estremecendo de dor. “A maldição... Pode ser...”

Mas ele começou a desvanecer. Seus olhos perderam o foco, e ele pareceu esquecer o que estava dizendo. O feitiço tinha tomado conta dele agora. Ele iria embora em segundos.

“Sinto muito.” Ele conseguiu dizer, perdendo toda a urgência do momento anterior. “Me... Desculpe, Dee.”

“Alistair.” Eu engasguei, agarrando-me a ele com força enquanto as lágrimas vinham com mais força. Eu não conseguia mais segurá-las. Inclinei-me perto de seu ouvido e sussurrei: “Dolores está segura. Seu bebê está seguro. E eu te perdôo. Você me ouve? *Eu perdôo você.* Espero... Espero que você também possa me perdoar.”

Ele gaguejou tentando formar uma resposta.





Eu o acalmei, esfregando um pouco de calor de volta em suas mãos que esfriavam rapidamente.

Eu deixei minha cabeça descansar contra a dele.

Ele exalou, e eu senti a força vital deixá-lo como fumaça de uma vela apagada. Um pouco de cada vez, e então de repente... Sumiu.

Eu segurei sua camisa em minha mão, sentindo minha magia se contorcer e se contorcer em mim com a imensa perda, tentando lutar contra o inimigo invisível que me causava tanta dor não adulterada. Ela implorou para escapar do meu corpo. Para corrigir o erro deitado mole e sem vida no meu colo.

E me lembrei do feitiço. O desenho do sigilo que foi confiscado de uma bruxa das trevas que praticou magia de sangue e necromancia. Era *além* de ilegal. Punível com a morte por usar, e a bruxa que o usou não tinha sido *simplesmente* abatida, não, ela foi puxada e esquartejada.

Mas fiquei fascinada com isso. Os ângulos do sigilo eram nítidos, o desenho intrincado, caótico. O feitiço não dava vida, ele a trocava. A bruxa o usou para trazer de volta um bebê da morte, sacrificando um cordeiro e dando a força vital do animal para a criança.

Era um feitiço original, dos tempos sombrios de Emeris.

Eu tinha memorizado cada linha e curva.

Antes que eu soubesse conscientemente o que estava fazendo, já tinha metade dele desenhado. Sirenes soaram ao longe, alertadas para o som





estrondoso do meu feitiço de atordoamento atingindo a parede. Com minha mão livre, eu levantei uma pequena proteção ao redor de Alistair e eu. Não duraria por muito tempo, mas nos esconderia por um momento, que era tudo o que eu precisava.

O sigilo estava completo, e eu derramei minha magia nele, levantando um pedaço irregular de tijolo quebrado do chão. Eu o cotei na palma da minha mão, infundindo o feitiço com o sangue que exigia como pagamento. Se funcionasse, o feitiço levaria muito mais do que o meu sangue.

Levaria minha vida.

Uma troca que eu faria feliz se isso significasse que Alistair poderia viver novamente. Ele tinha uma família. Uma proposta. Um objetivo singular.

Eu não tinha nenhuma dessas coisas.

O encantamento... *Por que não consigo me lembrar do encantamento?!*

Não.

Não. Não. Não .

“Vivífica... Mortem.”

Nenhuma coisa.

“Mortem vivere!”

Meu estômago caiu. Eu tinha que salvá-lo. Não poderia terminar assim, não para ele. Este não era o legado que ele deveria deixar. Ele precisava de mais tempo.





“Tenebris a—a... Vivere!” Eu disse, minha voz quebrando com um soluço.

Eu não conseguia me lembrar. Não adiantava. Sem o encantamento que o acompanhava, o sigilo era inútil. Eu não conseguiria salvá-lo.

Eu me sinto doente.

O sigilo irradiando luz e sombra acima da minha palma cintilou antes de desaparecer.

“Por aqui!” Ouvi alguém chamar do beco atrás de mim. Quem quer que fosse, eles estariam aqui em segundos. Se eles se aproximassem da minha barreira, eles nos encontrariam. Usar magia na presença de mortais era proibido. Se eu fosse pega, perderia meu poder alquímico. E se isso acontecesse, o propósito de Alistair nunca seria cumprido.

Eu tinha que ter certeza de que se cumpriria.

Dei um beijo molhado de lágrimas em sua testa e usei meus dedos cobertos de sangue para fechar seus olhos. “Você será vingado.” Eu prometi a ele, minha voz saindo estranhamente inexpressiva. Não soando como eu. Esperando em algum lugar no grande desconhecido que ele me ouviu. “E eu acredito em você.” Acrescentei, dando a ele o que ele queria de mim todos aqueles anos atrás. Sobre aquele banco de pedra do lado de fora da academia, meu apoio inabalável.

“Se houver uma maneira de reverter o que foi feito em Emeris, quebrar as maldições, eu a encontrarei. E vou terminar o que você começou.”

E eu quis dizer isso.





Eu esperaria e tramaria. Eu atrairia meus inimigos para perto, ouviria e aprenderia. Eu esconderia meus sentimentos, trancaria-os em algum lugar escondido bem no fundo.

Essas eram coisas em que eu era boa. Eram coisas que eu podia fazer.

E eu os faria.

Eu me levantei, as lágrimas secando em minhas bochechas com um renovado senso de propósito. Com um último olhar para o homem que nunca deixei de amar, enfiei meu punho ensanguentado no bolso e desapareci na noite.





Nota do autor

Espero que você tenha gostado deste prequel da Arcane Arts Academy! Para ler mais deste mundo, continue com Soul Bound, o livro um na série Arcane Arts Academy e siga Harper enquanto ela encontra seu lugar na Academia!

Obrigada por ler!

~Elena Lawson

